

O PROCESSO DE LUTO DO ADOLESCENTE EM RELAÇÃO ÀS
IMAGOS PARENTAIS RELACIONADO COM A ESCOLHA DE UMA
PROFISSÃO

Ciane Pompermayer

Dissertação apresentada como exigência parcial
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
sob a orientação da
Prof. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Março, 1999

AGRADECIMENTOS

- Agradeço, em especial, à minha orientadora, Rita de Cássia Sobreira Lopes, pela sabedoria com que recebeu minhas angústias e minhas idéias, principalmente por estar sempre presente quando necessário, sem deixar de respeitar meu tempo de construção;
- Agradeço à minha família e todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que este estudo se tornasse realidade;
- Agradeço aos professores César A Piccinini e Tânia Mara Sperb, pelo carinho dispensado e pela preocupação com que acompanharam meu percurso, principalmente nos momentos difíceis que passei no decorrer do curso;
- Agradeço aos funcionários do Instituto de Psicologia, em especial à Margaret, Alziro e Antônio, pelo auxílio e presteza com que me atenderam em momentos diversos.

Dedico este trabalho à minha mãe, pelo exemplo de vida, a meu pai, por seus ensinamentos, ao Alex, que re-significou minha história e ao nosso filho, que cresce dentro de mim.

“Ao longo de nossa existência, o investimento num tempo futuro tem como condição a esperança de que ele permitirá a realização de uma potencialidade já presente no Eu, que investe este tempo e este prazer”.

PIERA AULAGNIER

SUMÁRIO

Resumo.....	7
Abstract.....	8

1. INTRODUÇÃO

Considerações Iniciais.....	9
1.2 Preceitos Psicanalíticos- Definições.....	10
1.2.1 O Complexo de Édipo.....	12
1.2.2 A identificação como fundamental para a noção do eu.....	15
1.2.3 O luto.....	18
1.3 A adolescência a partir da Psicanálise.....	20
1.3.1 A teoria de Peter Blos.....	22
1.3.2 A Passagem Adolescente - Os pressupostos teóricos da Psicanálise francesa.....	26
1.4 A linguagem adolescente - algumas considerações.....	30
1.5 O processo de escolha de uma profissão - a contribuição da Psicanálise.....	32
1.6 Considerações Metodológicas.....	34
1.7 Objetivos.....	36

2. METODO

2.1 Delineamento.....	38
2.2 Sujeitos.....	38
2.3 Instrumento.....	38
2.4 Procedimento.....	40
2.5 Análise dos Dados.....	40

3. RESULTADOS

3.1 Caso F.....	43
3.1.1 Análise.....	43
3.1.1.1 Como se refere aos pais.....	43
3.1.1.2 Como se refere a si mesmo.....	46
3.1.2 Síntese da análise	48
3.1.3 Comentários.....	49
3.2 Caso D.....	50
3.2.1 Análise -.....	50
3.2.1.1 Como se refere aos pais.....	50
3.2.1.2 Como se refere a si mesmo.....	52
3.2.2 Síntese da análise.....	55
3.2.3 Comentários.....	56
3.3 Caso J.....	57
3.3.1 Análise	57
3.3.1.1 Como se refere aos pais.....	57
3.3.1.2 Como se refere a si mesmo.....	59
3.3.2 Síntese do Caso.....	61
3.3.3 Comentários.....	63
3.4 Caso P.....	64
3.4.1 Análise	64
3.4.1.1 Como se refere aos pais.....	64
3.4.1.2 Como se refere a si mesmo.....	65
3.4.2 Síntese da análise	67

3.4.3 Comentários.....	68
3.5 Caso T.....	69
3.5.1 Análise.....	69
3.5.1.1 Como se refere aos pais.....	69
3.5.1.2 Como se refere a si mesmo.....	70
3.5.2 Síntese da análise.....	73
3.5.3 Comentários.....	74
3.6 Caso K.....	75
3.6.1 Análise	75
3.1.6.1 Como se refere aos pais.....	75
3.1.6.2 Como se refere a si mesmo.....	76
3.6.2 Síntese do Caso.....	77
3.6.3 Comentários.....	78
4. DISCUSSÃO.....	80
REFERÊNCIAS.....	89

RESUMO

Tomando como ponto de partida a leitura da adolescência a partir dos pressupostos psicanalíticos, buscamos estudar as vicissitudes desse momento da vida, relacionando o processo envolvido na escolha de uma profissão com o luto que o sujeito deve realizar em relação às imagos parentais infantis. Realizamos, com esse intuito, uma investigação baseada em estudos de casos múltiplos, envolvendo seis adolescentes que procuraram o Serviço de Orientação Vocacional, em Porto Alegre. Nosso material de análise foram as autobiografias escritas pelos adolescentes em processo de Orientação, quando cada um é convidado a escrever sobre si mesmo. A análise dessas autobiografias foi feita através de recortes feitos sobre o texto, a partir dos quais levantamos os sentidos implícitos nos enunciados. Esse procedimento nos levou à relação do jovem com seus pais e consigo mesmo. Nesse contexto, foi possível constatar que o adolescente busca idealizar o momento em que vive pela dificuldade em elaborar o luto pela infância. A dificuldade daí decorrente é a dificuldade de investir num tempo futuro, e, portanto, na escolha de uma profissão. Por outro lado, quando esse luto já pode ser vivido, vimos que o adolescente sente-se angustiado e solitário, sendo esta a condição para que ascenda à própria identidade.

ABSTRACT

Based on a psychoanalytic reading of adolescence, we aimed to study the vicissitudes of this life period, relating the process involved in the choice of a profession to the mourning process the subject has got to go through vis-a-vis the infantile parental imagos. An investigation was thus carried out, based on a multiple-case study, involving six adolescents who came to the Vocational Guidance Service, in Porto Alegre. Our material consisted of autobiographies written by adolescents as part of the Guidance process, where each one is invited to write about him/herself. The analysis of these autobiographies was carried out based on the implicit meanings of extracts chosen from the text. This procedure enable us to have access to the relationship of the adolescent tends to idealize the moment he/she is living because of the difficulty in investing a future time and, as result, a professional choice. On the other hand, when this mourning can be lived through, we can see that the adolescent feels anxious and solitary, this being the condition for reaching his/her own identity.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 Considerações Iniciais

O interesse por essa pesquisa surgiu a partir dos meus estudos acerca dos processos envolvidos na escolha de uma profissão. Essa se caracteriza como um momento em que se oferece uma diversidade de possibilidades, quando o sujeito deve tomar uma posição em relação ao seu futuro, de modo que possa produzir algo que lhe traga prazer e reconhecimento. Há necessidade de lidar com o luto pelo que se foi, e, principalmente, pelos abandonos que estão implicados no processo de escolha do que virá. Em nossa cultura, o início desse processo se dá concomitantemente com o período da adolescência.

A adolescência é tomada, nesse estudo, como um tempo de intervalo entre a infância e a maturidade; momento de tensão, uma vez que as modificações que o corpo sofre, em decorrência da puberdade, têm um impacto sobre o psiquismo, colocando o sujeito frente a necessidade de reorganizar-se.

Constata-se que é um período de tensões, visto que o sujeito é interpelado pela cultura a ocupar um lugar de reconhecimento fora do contexto familiar. Para que esse processo se realize é necessário que o adolescente redimensione sua história, lidando com os resquícios de sua infância e com as demandas sociais que se impõem a ele.

Observa-se que o adolescente precisa, portanto, fazer um luto pelos pais idealizados da infância para assumir sua identidade, que lhe dará condições de posicionar-se subjetivamente. Ocorre, portanto, uma oscilação entre o “eu” e o “outro”, em razão da importância de que o adolescente venha a posicionar-se como singular, ao mesmo tempo em que urge a necessidade de ser reconhecido como um igual, numa coletividade.

Esse trabalho pretende estudar a adolescência no momento em que o jovem é convocado pela sociedade a escolher uma profissão. Procuraremos relacionar, então, o processo de escolha de uma profissão com a reordenação que o adolescente tem de fazer de sua infância, mais especificamente, dos pais

da infância (internalizados), como condição para que o sujeito autorize-se a escolher novos objetos.

Ao estudarmos a forma como os pais aparecem no discurso do adolescente diante da necessidade de escolher uma profissão, acreditamos poder, não apenas relacionar o luto pelos pais da infância e a escolha de uma profissão, mas também, ampliar a compreensão das vicissitudes pelas quais passa um sujeito na conquista da subjetivação, denunciadas pela chamada “crise adolescente”.

1.2 Preceitos Psicanalíticos – Definições

No centro dessa investigação está a adolescência. Nossa abordagem sobre este conceito repousa sobre o postulado de que a adolescência é um trabalho de reorganização psíquica, tendo em vista as modificações sofridas no corpo e a tensão que decorre dessas transformações. Segundo esse prisma, há o ressurgimento da conflitiva edípica, que se iniciou na infância, e que entrou em latência por determinado período. A adolescência é, então, caracterizada como um momento de crise, quando as transformações do corpo provocam impacto sobre o psiquismo. O desenlace desse processo permite a construção de uma identidade sexuada. A identidade é construída através de um trabalho de desprendimento das figuras parentais infantis e, como nos diz Birraux (1992), de uma aceitação das experiências de dúvida, de falta e de solidão, próprias do humano. A subjetivação decorre de uma renúncia aos ideais infantis até então prevalentes¹.

O universo teórico em que esse estudo se insere é, portanto, o da Psicanálise, e, ao tomarmos como nossos os postulados dessa ciência, faremos uma leitura da adolescência com base em seus paradigmas. Abordaremos, então, nessa parte do trabalho, alguns princípios da Psicanálise enquanto método de investigação, descrevendo, brevemente, alguns dos processos que citamos superficialmente acima, mas que tangenciam a questão da adolescência e que

¹ O termo *imago*, que utilizamos neste trabalho, é tomado no sentido de uma imagem inconsciente, através do qual um sujeito designa a imagem que tem de seus pais. Para a psicanálise francesa, o termo (introduzido por C.G.Jung) está associado ao que Lacan chamou de *Complexos Familiares*, que permite compreender a dimensão cultural que determina uma família, bem como os laços imaginários que a organizam (Roudinesco & Plon, 1998).

estarão sendo abordados no decorrer desse estudo.

Epistemologicamente, a Psicanálise é um corpo teórico fundamentado na noção de inconsciente. Freud, pesquisando sobre a origem dos sintomas, conclui que há, em todos os fenômenos psíquicos, um determinismo inconsciente. Os sintomas têm uma causa, são o produto de formações do inconsciente, cujo conteúdo inclui desejos, sempre ativos, que precisam ser recalçados. O inconsciente obedece a princípios, diz Freud (1915/1987), e está submetido às leis do deslocamento e de condensação. Seu aparecimento ocorre por falhas no recalçamento, que se evidenciam nos sintomas, nos lapsos, nos sonhos e nos chistes. O inconsciente, como diz Pommier (1992), se dá a conhecer somente *après-coup*, impondo-se como obstáculo ao curso racional das idéias.

A partir de seus *Estudos sobre a Histeria* (1893/1987), Freud observa o poder que a verbalização tem sobre as enfermidades e encontra na palavra seu instrumento de trabalho. Freud funda, então, um método de investigação que permite que o sujeito tenha acesso àquilo que está inacessível à sua consciência, mas que, sem que ele o saiba, o determina.

As evidências de que as palavras ditas, os sintomas, as ações e as produções imaginárias (sonhos, fantasias e delírios) possuem um significado inconsciente, transformam a **associação livre de idéias** (sugerida por Freud em 1895) num meio privilegiado de investigação do inconsciente. Essa técnica é utilizada com o intuito de que o sujeito fale o que lhe ocorre à mente, sem restrições. Dessa forma, o curso das idéias (a cadeia associativa) que o sujeito apresenta ao falar permite o aparecimento das representações inconscientes.

Para os psicanalistas contemporâneos, principalmente para os franceses, o inconsciente é um lugar de um saber particular, sobre o qual o sujeito nada sabe, só sofre seus efeitos. Esses efeitos não são, entretanto, indeterminados. Eles operam através de uma lógica, que pode se tornar evidente quando um sujeito fala. O inconsciente emerge no dizer, quando o sujeito pode ser confrontado com a diversidade de discursos que o constituem.

Assim, sendo o instrumento principal da pesquisa psicanalítica a palavra, acreditamos que a linguagem escrita pode servir de espaço para emergência do inconsciente e das vicissitudes de suas representações.

Em *O caso Schreber* (1911/1987) e *Gradiva* (1907 [1906]/1987),

Freud faz estudos e interpretações com base em textos escritos. Embora não possa fazer uso da transferência para suas interpretações, Freud amplia o universo de ação da psicanálise. Comprova-se, desse modo, que a análise de um texto escrito fornece elementos para a compreensão dos processos inconscientes.

Esse aspecto é relevante na medida que, nessa investigação, o adolescente se apresenta através de uma autobiografia. Nossa análise se dará sobre seus escritos, que serão tomados como enunciados; uma escuta dirigida pelo olhar (Caon, 1996).

Se a escrita é um caminho de estudo da subjetividade, torna-se premente esclarecer como escutaremos nosso adolescente, ou seja, esclarecer em que nos ancoramos para compreender psicanaliticamente a adolescência.

Quando nos fala sobre adolescência, em *Três Ensaios sobre a teoria Sexualidade* (1905/1987), Freud preconiza que nessa fase, há uma reedição dos conflitos edípicos infantis. Há que se fazer, diz ele, uma dolorosa ruptura com os pais (luto) para que o progresso aconteça. Autores contemporâneos, principalmente provenientes da psicanálise francesa, retomam a questão da adolescência tal como postula Freud, colocando em foco, fundamentalmente, a questão do pai (da função paterna).

Para melhor compreensão destes autores e seus postulados, faremos uma breve explanação, com finalidade informativa, acerca do Complexo de Édipo, que é o eixo principal dos postulados psicanalíticos e que na adolescência volta à cena; das identificações, que são fundamentais para o conceito de identidade e que se modificam na adolescência; e sobre o luto, que está no cerne de nossa questão de pesquisa.

1.2.1 Complexo de Édipo

Freud via no Complexo de Édipo uma contribuição fundamental da psicanálise: o pressuposto básico para a sua aceitação é que a sexualidade se desenvolve, realmente, desde muito cedo na vida de um sujeito. Segundo Laplanche & Pontalis (1983), Freud nunca apresentou uma exposição sistemática do Complexo de Édipo, mas o coloca como referência principal na psicopatologia e na orientação do desejo humano.

É importante esclarecer que o objetivo, aqui, não é apresentar a evolução e a complexidade dessa elaboração teórica. Assim, nossa intenção não é aprofundar o tema nesse momento; limitar-nos-emos a descrever o complexo e seu lugar na dinâmica do psiquismo, tal qual postula Freud²

No decurso do desenvolvimento de um sujeito, então, existe uma fase em que grande parte da energia libidinal é dirigida ao progenitor do sexo oposto. Esse conjunto de sentimentos e representações, que caracteriza um complexo (Chemama, 1995), apresenta-se como na história de Édipo-Rei: há desejo de morte do rival, progenitor que é do mesmo sexo e desejo sexual pelo progenitor do sexo oposto. Na evolução sexual da criança, o carinho e a ternura dispensados a ela pelos pais termina incitando-a a desejos eróticos e esses são dirigidos a um dos progenitores.

No caso dos meninos, a quem se dirige a explicação, quando ele entra na fase fálica, explica Freud em *Esboço de Psicanálise* (1940/1987), tem sensações voluptuosas que se originam de seu órgão sexual e passa a desejar a mãe. Procura seduzi-la, exibindo-se e querendo substituir o pai junto a ela. Seu pai, antes investido de autoridade e que lhe servia como modelo de virilidade, agora passa a ser também sentido como um rival. Há ambivalência dos sentimentos do menino com relação ao pai, principalmente, embora isso também se dê em relação à mãe. Essa polaridade, de amor e de ódio concomitantes, deve-se, explica Freud, à bissexualidade originária.

O complexo de Édipo do menino é dissolvido quando a criança se vê impedida de realizar seus desejos incestuosos. Esse impedimento vem pelo medo de ser punido com a perda do pênis (Freud, 1924/1987). Essa ameaça o faz renunciar momentaneamente à sua sexualidade, entrando o Édipo em declínio e iniciando-se o processo de identificação.

Na menina este processo se inicia quando ela se vê desprovida de pênis, de forma que ela sente a necessidade de desapegar-se da mãe, seu modelo até então, passando a orientar seu desejo para o pai. O processo é, portanto, mais longo e mais complicado para as meninas (Freud, 1925/1987).

² A concepção da psicanálise contemporânea para o Complexo de Édipo será explanada mais adiante.

É a inveja do pênis (primado do falo) o que mobiliza a entrada da menina no Complexo de Édipo e o desejo de ter um filho a faz apaixonar-se pelo pai. Freud afirmou não ter clareza sobre o que faz o complexo de Édipo feminino entrar em declínio (Chemama, 1995). A renúncia ao pênis só se realiza após uma tentativa de compensação: “seu desejo de ter um pênis e ter um filho permanecem fortemente investidos no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior” (Freud, 1924/1987, p.224).

O Complexo de Édipo “tem significado meramente simbólico, onde a mãe representa o inacessível” (Freud, 1914/1987, p. 69); sua dissolução se dá por introjeção da autoridade paterna e conseqüente deslocamento da libido para outros objetos.

A interdição que o pai faz aos desejos incestuosos do filho pela mãe dá origem ao supereu, à sujeição da criança às normas sociais por renúncia a seus desejos incestuosos. A entrada na chamada fase da latência ocorre, então, por recalçamento desses desejos incestuosos e parricidas. É quando as identificações tomam espaço e vão exercer um papel fundamental nas escolhas amorosas posteriores.

As modificações corporais que advêm com a puberdade promovem o retorno do Complexo de Édipo, afirma a psicanálise, e dá acesso ao indivíduo à sua genitalidade, até então em moratória.

As escolhas objetais realizadas pelo adolescente ou o adulto conservam, portanto, os indícios infantis da inclinação sexual na criança pelos pais. “Para a escolha de objeto, na época da puberdade, (*o adolescente*) tem de renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente *sensual*” (Freud, 1905/1987, p. 189).

Freud situou o Édipo como núcleo do desenvolvimento de toda a neurose :

“O trabalho do filho consiste em desprender de sua mãe os desejos libidinosos, para ligá-los a um objeto real estranho, em reconciliar-se com o pai, se tiver conservado alguma hostilidade quanto a ele, ou em emancipar-se de sua tirania quando, como reação contra sua revolta infantil, torna-se seu escravo

submisso. Estas tarefas são impostas a todos e a cada um, devendo-se observar que raramente sua realização é feita de maneira ideal. (...). Os neuróticos fracassam totalmente nessa tarefa, permanecendo o filho submisso à autoridade paterna durante toda a sua vida, sendo incapaz de transferir sua libido para um objeto sexual estranho” (Freud, 1917 [1916]/1987)

A passagem pelo Édipo, conseqüentemente, leva à posição heterossexual e à formação da moralidade. O pai passa, ao ser eleito ideal, substituto da mãe no menino, promove o que se chamou formação dos *ideais do eu*, que aflui para os processos identificatórios.

Esses dois processos são o arcabouço do eu e que vão constituir as bases da identidade.

1.2.2 A identificação como fundamental para a noção do “eu”

A identidade é um conceito em psicanálise que remete à questão da sexualidade e, portanto, é decorrência do Complexo de Édipo. Em nosso trabalho, a identidade é uma construção feita a partir das identificações e constituem o que chamamos de *noção do eu*. As identificações representam uma lenta hesitação entre o “eu” e o “outro”, enquanto a identidade é, finalmente, o “eu” livre de objeto (Kaufman, 1996).

O final da adolescência será marcado pela possibilidade de assunção de uma identidade sexuada, o que também demarca a conquista da subjetivação. Para compreendermos esse processo, começaremos contextualizando como Freud conceitualiza o “eu” e as identificações em sua teoria.

A noção de “eu” sofre várias alterações no curso da obra freudiana. No *Projeto de uma Psicologia Científica*, (1895/1987), o “eu”³ é tomado como parte específica da mente. Em outros momentos, o “eu” tem o sentido

³ Apesar deste estudo embasar-se na tradução brasileira das obras de Freud, feita pela Standard Edition, utilizo aqui a versão feita pela Amorrortu Editores, que, diretamente do alemão, traduz *Ich*, *Es* e *Uberich* por *Isso*, *Eu* e *Supereu* e não como introduziu James Strachey, da Standard Edition, como *Id*, *Ego* e *Supergo*.

da pessoa como um todo, como um corpo, incluindo o de outras pessoas. Em *O Eu e o Isso* (1923/1987), ele se torna uma instância psíquica.

Quando Freud postula a divisão da mente em consciente e inconsciente, vai deslocando-se, aos poucos, do inconsciente enquanto estado ou qualidade, para elevá-lo a um sistema dinâmico (Ics), que estrutura o aparato psíquico do homem. É a partir dessas delimitações que Freud postula a divisão do aparelho psíquico em instâncias: o isso, o eu e o supereu.

O eu, agora colocado como instância psíquica, estará em ligação com o que é interno e ao que é externo, simultaneamente. Como o externo é tomado como estranho, para ser assimilado, ele precisa ser transformado em algo idêntico. Por essa razão, a divisão entre o que é próprio e o que é de outro (de fora) não se faz. O mecanismo da identificação tem aí sua ancoragem. É o outro (externo), então, que informa e forma o psíquico humano. É dessa relação com outros “eus” que nasce o próprio Eu.

O primeiro nível de identidade é o momento de individuação e de separação deste outro. Esse processo, ensina-nos Freud, inicia com a relação amorosa (com os pais), cujo conceito subordinado é o de identificação. Em concordância com os desenvolvimentos advindos de sua escuta e conseqüentes reformulações teóricas, o sentido dado à identificação vai ser alterado no decorrer da obra freudiana.

Inicialmente, Freud estava preocupado com a compreensão dos sintomas histéricos. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1987), coloca que é esse o mecanismo que permite que uma pessoa sofra em nome de uma multidão. Diferencia-se da imitação porque seu conteúdo é inconsciente.

“É uma assimilação à base de uma etiologia semelhante; expressa uma semelhança e se origina do elemento comum que permanece inconsciente” (Freud, 1900/1987, p. 160).

Aqui, o conceito de identificação tem um sentido descritivo e funcional, portanto, não incluía os achados da futura concepção estrutural.

No seu artigo *Sobre o Narcisismo; uma Introdução* (1914/1987), Freud traz o conceito de narcisismo para o cerne de sua teoria, postulando que para que haja uma relação com o outro, é necessária uma renúncia narcísica (desinvestir unicamente o eu como objeto amoroso). É este movimento que permite o investimento no objeto, que se fará através das identificações secundárias, ligadas ao complexo de Édipo.

Antes das identificações secundárias, Freud nos fala de uma identificação primária, que é anterior a qualquer relação de objeto, tem sua origem na fase oral e está intimamente ligada à pulsão de autoconservação (fome). O eu, em seus rudimentos, deseja tomar esse objeto para si. Tenta fazer isso ingerindo e, fantasisticamente, tomando suas qualidades para si. Portanto, os processos de incorporação (devorar, guardar para si) e introjeção são os protótipos da identificação secundária. (Laplanche e Pontalis, 1983; Kaufman, 1996). O eu é, antes de tudo, eu-corpo, pois deriva das sensações corporais: "... na fase oral primitiva, o investimento objetal e a identificação são ...indistinguíveis" (Freud, 1923/1987).

Em *Luto e Melancolia* (1917/1987), Freud mostra que a melancolia provém da identificação oral com o objeto perdido, ocorre por regressão à relação de objeto característica da fase oral. Nessa fase não há discriminação entre o eu da criança e o outro. Há um abandono do investimento objetal, e a identificação tem um sentido narcísico.

Porém, é em 1921, quando escreve sobre a *Psicologia do Grupo e Análise do Eu*, que Freud dá contornos mais definidos ao papel da identificação na formação do eu. Ao analisar os fenômenos de massa, Freud dedica-se ao estudo da sugestão e dos efeitos do enamoramento sobre a mente. Traz a conflitiva edípica para a compreensão do processo de eleição do ideal, e sentença; a identificação é aquilo que se deixa ser, o objeto o que se deseja ter.

A partir disto, Freud descreve três formas de identificação: a primeira é a pré-edípica, ligada à fase oral; a segunda está relacionada com o complexo edípico; e a terceira está ligada à formação do sintoma histérico.

Quando descreve as vicissitudes pelas quais passa o sujeito quando ama em demasia, descreve o processo de idealização do objeto (do outro). Nos diz Freud:

“Vemos que o objeto está sendo tratado da mesma forma que nosso próprio eu, de sorte que, quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto” (1921, p.143).

O objeto toma o lugar do próprio eu, ou de um “inatingido ideal de eu”. A perfeição do objeto é dada pela fantasia e, a partir do contato com a realidade, a idealização perde seus contornos, cedendo lugar à relação objetal. No processo de identificação, o objeto é abandonado para ser introjetado. A identificação é parcial, não incidindo sobre o objeto total, mas sobre um traço único.

A mãe e o pai, ao serem tomados como objeto a ser investido, são alvo de amor e rivalidade. Esse movimento é resultado da renúncia da posição narcisista para o investimento objetal e ocorre mediante uma divisão do eu: uma parte está alterada pela introjeção do objeto e a outra – que luta contra a primeira – contém o agente auto-regulador, do supereu. O sujeito, organizado a partir de suas pulsões sexuais (provindos do Isso/inconsciente), tenta livrar-se das repressões impostas pela realidade (pais/cultura).

O Eu (instância) é responsável pela mediação isso/realidade e sofre com as interdições impostas pela cultura. O supereu exerce seu controle através do sentimento de culpa (pais introjetados/complexo de castração).

Nesse interjogo entre as pulsões e a realidade vai constituindo-se o sujeito. A consciência de seus desejos lhe dará acesso à própria identidade, trazendo consigo a história de suas eleições infantis e a maneira particular de cada sujeito relacionar-se com seus ideais.

1.2.3 O luto

Nosso interesse em abordar essa temática surge da própria conflitiva adolescente, que deve, segundo Freud, substituir sua escolha de objeto original, os pais da infância, para ascender à própria sexualidade. Esse processo é doloroso e implica em atividade (trabalho) por parte do indivíduo, podendo não ter sucesso, constituindo, portanto, o chamado luto patológico (Freud, 1917/1987).

O luto é uma reação à perda de um ente querido ou, e aqui está nosso maior interesse, à perda de uma abstração que ocupou um lugar querido. O texto freudiano procura fazer um paralelo entre este processo e o que ele chama de luto patológico. Este se caracteriza pela perda de uma parte do próprio eu que ficou identificada com o objeto perdido.

No luto, diz Freud (1917/1987), há um trabalho intrapsíquico, que se caracteriza pela perda momentânea de interesse no mundo exterior; ocorre um superinvestimento das lembranças ligadas ao objeto perdido, havendo um desligamento progressivo delas. A realidade vai se colocando aos poucos e de forma fragmentária, até se concluir o trabalho. Após esse processo, o eu então estará novamente livre e desinibido para investir novamente.

Na adolescência, o luto ocorre de forma inconsciente, estando relacionado com a perda do corpo infantil, da irresponsabilidade natural das crianças e, principalmente, do seu lugar garantido de filiação. Mesmo que o amadurecimento traga vantagens, como maior liberdade e permissão para usufruir sua sexualidade, ao adolescente cabe buscar novos espaços, além do familiar, onde possa afirmar sua singularidade.

O sofrimento que o luto traz, segundo Freud em *Sobre a Transitoriedade* (1916 [1915]/1987), ocorre devido à dificuldade que a libido possui de renunciar àquilo que se perdeu, inclusive quando um substituto já se acha à mão. Diante dessa dificuldade é possível lançar mão de mecanismos que evitem a dor (mecanismos de defesa)(Freud 1915/1987).

Isto posto, em nossa investigação, atentaremos para alguns desses mecanismos, a fim de analisar como estão sendo elaborados nos adolescentes os lutos que se impõem. Entre esses, observaremos a negação da perda; a transformação da dor em algo insignificante (formação reativa); ou a idealização do que se perdeu, de forma que fica dificultado o investimento em outro objeto.

1.2 A adolescência a partir da psicanálise

A adolescência - do verbo latino “adolescere”, que significa crescer - é um tempo entre a infância e a maturidade que traz modificações fisiológicas e sociais amplamente descritas pela literatura (Buhler, 1942; Hall, 1916; Mead, 1967, e outros citados por Ferreira, 1984). As razões que nos levam a tomar o referencial psicanalítico para a compreensão da adolescência, em detrimento de outras abordagens, partem de um determinante básico, do qual é impossível escapar: as modificações ocorridas na puberdade causam um impacto nas representações psíquicas do sujeito. É sobre esta ênfase que a psicanálise se debruça ao oferecer sua contribuição ao estudo do ser humano.

Freud, em *Três Ensaios Sobre a Sexualidade* (1905/1987), afirma que as fantasias incestuosas repudiadas na infância, desencadeadoras do que chama Complexo de Édipo, na puberdade retornam e provocam “*a mais significativa e, também uma das mais dolorosas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento da autoridade dos pais*” (p 234).

Em 1908, no texto *Romances Familiares*, Freud retoma esta problemática, reiterando seu papel doloroso e fundamental para o progresso da sociedade; a hostilidade para com os pais (ou com o pai, como sugere Freud) nada mais é do que expressão do lamento pela infância que se foi. O conflito de gerações surge como necessário para que o adolescente escolha novos objetos de amor.

A adolescência é, sob esse prisma, uma etapa de tensão. Anna Freud (1958/1995) compreende que esta tensão se dá pelos esforços do ego em dominar as pulsões;

“o adolescente está engajado em uma luta emocional, de amor e de luto, com extrema urgência e imediatividade. Sua libido está no ponto de separar-se do investimento de seus pais e de catexizar novos objetos. O luto pelos objetos passados é inevitável...” (p. 70).

O luto é conseqüência tanto do trabalho de relativização das imagos parentais infantilizadas como da aceitação das experiências de dúvida, falta e

solidão. O resultado do trabalho da adolescência, diz Kaufman (1996), é a aquisição de uma identidade sexuada.

A ruptura com as imagos parentais e as mutações na representação corporal, segundo Penot (1995), provocam um duplo abalo no narcisismo do adolescente, e o impele a esclarecer sua condição de sujeito. Melman (1987/1995) nos fala que a adolescência implica na convocação para que o sujeito saia do silêncio da latência, sendo

“solicitado, por uma ruptura brusca, que ocupe uma posição que iria simultaneamente fazer ouvir sua singularidade, que ele precisava manter à distância, enquanto, ao mesmo tempo, fosse dissolvida, perdida e confundida com a comunidade de todas as singularidades existentes...” (p. 9).

Um dos movimentos que permitem ao jovem colocar sua própria singularidade fora do espectro da família é a escolha de uma profissão. Nesse sentido, nossa proposta é aprofundar os estudos acerca da adolescência no sentido de viabilizar uma relação entre este processo e a escolha de uma profissão. Dessa forma, partindo do paradigma psicanalítico, escolhemos estudar a adolescência a partir de duas abordagens teóricas diferentes, mas em cujos pressupostos a relação com os pais aparece como central na passagem pela adolescência.

Entre outros, um dos méritos dos autores acima referidos está em desvincular a adolescência de uma cronologia, dedicando-se às alterações que esse movimento traz para a constituição psíquica do indivíduo. Nesse sentido, o trabalho de Settineri (1997), que propõe que a adolescência seja tomada como um discurso, como *posição subjetiva*, converge com a leitura que fazemos sobre o processo adolescente.

Tomaremos como referência a teoria de Peter Blos, como representante da psicanálise americana, e alguns autores da psicanálise francesa, cujo eixo cataliza as idéias de Jean Jacques Rassial. A inserção de dois autores de vertentes diferentes dentro da psicanálise, ocorre, a princípio, porque ambos

aprofundam a questão do adolescente em relação às imagens parentais, mas, também, porque enfatizam a questão sob prismas conceituais diferentes e não, necessariamente, excludentes. Não é objetivo desse trabalho, portanto, qualquer articulação entre as teorias, nem tampouco, contrapô-las. Buscaremos, através de nossa análise dos dados, confirmar ou não os preceitos por elas oferecidos.

Peter Blos sugere que durante a adolescência tem lugar um segundo processo de separação-individuação (Blos, 1996), o primeiro tendo sido completado no final do primeiro ano de vida (processo descrito por Mahler, 1963, citado por Blos, 1996.). O processo de individuação do adolescente com relação aos pais é similar ao da infância, e será formador da identidade e do caráter do indivíduo.

Jean Jacques Rassial propõe que a adolescência seja escutada como uma reedição da fase do espelho, onde entra em questão a função paterna, colocando o adolescente frente à necessidade de recapitular o conjunto de suas identificações para acessar a própria identidade. A adolescência surge como um “*tempo de intervalo*” (Rassial, 1997 b, p.26), que promove uma crise de identidade, não só no adolescente, mas também nos pais, uma vez que todos ficam defronte ao retorno da interdição e da castração.

1.2.1 A teoria de Peter Blos

Peter Blos, biólogo em sua primeira formação acadêmica, entrou em contato com a psicanálise a partir do estudo do desenvolvimento do organismo e inicia suas pesquisas sobre a adolescência com base na prática psicanalítica com crianças.

Para esse autor, a adolescência é um período de “turbulência emocional” (Blos, 1985), em que a plasticidade do eu dificulta uma definição com base, exclusivamente, em padrões seqüenciais de maturação. Eis porque sua compreensão da adolescência se faz a partir de fases, sem se remeter a idades cronológicas. É no seu livro *Adolescência, uma Interpretação Psicanalítica* (1985) que Blos propõe que a adolescência seja dividida em fases, que, embora apresentem elasticidade nos movimentos, representam uma seqüência ordenada de desenvolvimento psicológico pela qual passa o indivíduo.

Blos (1985) enfatiza a importância da fase da latência como preparatória para as modificações da puberdade. Estas últimas caracterizam o que ele chama de fase pré-adolescente. A fase da adolescência *propriamente dita* é aquela em que a sexualidade é definida e há abandono das posições narcísicas; a separação dos pais surge como condição para a escolha objetal. A saída da adolescência envolve compreender que há compromissos inescapáveis a serem assumidos. Sobre este ponto, acrescenta:

“Uma passagem apressada pela adolescência geralmente produz uma marca no adulto, que pode ser melhor descrita como primitivação”. (p. 55)

Em vista da problemática abordada nessa pesquisa, deteremo-nos na relação do adolescente com as figuras parentais. Na *fase da latência*, diz Blos (1985), os pais desempenham papel de reguladores da auto-estima. As identificações são estáveis, o que torna as relações objetais mais independentes. Meninos e meninas apresentam processos diferenciados, em vista das diferenças com relação à conflitiva Edípica. Assim, na *pré-adolescência*, as meninas trazem consigo algumas características fálicas do passado. Existe uma hostilidade com relação ao sexo oposto, que surge como defesa contra proximidade e conseqüente erogenização. Segundo Deutsch, (1944; citado por Blos 1985), as meninas apresentam uma *“onda de atividade”* (p. 63) que representa atitudes masculinas originadas da inveja do pênis (Freud, 1905). Os meninos, por seu apego à mãe pré-edípica, tornam-se arredios e a transformam em *“...a ‘bruxa’ do ambiente matriarcal”* (Blos, 1985, p. 68). A angústia de castração do menino está relacionada com a mãe, ativa e poderosa.


O pré-requisito para o ingresso na *adolescência propriamente dita* é, para Blos (1985), a organização das pulsões e a consolidação do período da latência. Essa fase inclui dois sistemas dominantes: o renascimento do complexo de Édipo e o desligamento dos objetos de amor infantis.

A necessidade de enfrentar as modificações do corpo, diz Blos (1985), evoca a excitação e a tensão que já ocorrera anteriormente. A adolescência é, então, chamada de segunda edição da infância.

Blos (1996) propõe que o processo de individuação, que ocorre quando a criança adquire a noção da constância do objeto, retorna na adolescência como um segundo momento, levando o indivíduo ao senso de identidade.

O primeiro passo para a individuação é a distinção entre o “eu” e o “não-eu”, quando a separação da mãe é uma necessidade, e se completa com a obtenção da constância do objeto e do *self*; esse processo se inicia na infância e será concluído na adolescência. Ambos os períodos compartilham da urgência de mudanças de estrutura psíquica. Blos (1996) coloca que o desligamento dos objetos internalizados abre caminho, na adolescência, para a descoberta de objetos externos e extrafamiliares. Esse processo pressupõe, segundo o autor, uma fragilidade do ego devido às intensificações dos impulsos e o trabalho de desligamento dos pais. A necessidade de reestruturação psíquica não pode ser efetuada sem a regressão.

“O processo da segunda individuação ocorre através da recatexia regressiva das posições pré-genital e pré-edípicas...que são revisadas, revividas, mas com a diferença de que o ego do adolescente é mais maduro. Novas identificações (o amigo, o grupo) assumem as funções de superego de forma episódica e duradoura. (p.122)

O objetivo maior da adolescência, para Blos, é o desenvolvimento da capacidade do indivíduo de lidar com as dificuldades, com as experiências em sua totalidade, para chegar a uma estabilidade do ego. Haveria uma seqüência de abandono-procura de objeto que promoveria o “*estabelecimento da organização das pulsões adultas*” (1985, p. 104) 

A oposição e a rebeldia aparecem no adolescente como efeito de provas auto-afirmativas do eu. O indivíduo é acompanhado de isolamento, solidão e confusão.

⁴ Não está claro, a partir do texto referido, o que o autor define como “pulsões adultas”. Da mesma forma, em outro momento, o autor sugere que o “amadurecimento egóico se apóia no amadurecimento pulsional”, revelando uma distorção, a qual não podemos deixar de marcar, da teoria das pulsões tal como Freud postula. Pulsões não sofrem amadurecimentos!

“As mudanças internas que acompanham a individuação podem ser descritas como uma reestruturação psíquica, durante a qual a descatexia dos pais faz surgir uma instabilidade geral, estranhamento e sensação de insuficiência” (Blos, 1996, p. 112)

O autor acrescenta que a fase pré-edípica concorre com a edípica na organização das pulsões do adolescente. Assim, as queixas de abandono constantes dos adolescentes remontam à fase pré-edípica. As relações sociais no grupo de iguais desempenham um importante papel, integrador e harmonizador, das dissociações que ocorrem no ego.

Blos (1996) propõe que ocorreria uma “regressão não-defensiva” (p. 319), quando o indivíduo entra em contato com as dependências da infância, o que traria uma ampliação das funções egóicas. A psicose na adolescência estaria explicada por Blos a partir da dificuldade em manter a regressão não defensiva dentro de limites do ego. Haveria uma relação estreita entre a adolescência e a psicose, segundo o autor, o que é ratificada por autores contemporâneos (Souza, 1996).

O processo adolescente constitui, em essência, para Blos (1996), uma tensão dialética entre posições regressivas e progressivas. A tensão que surge exerce forte peso sobre o ego, que deve mover-se em direção à integração e diferenciação.

1.2.2 A passagem Adolescente - Os Pressupostos Teóricos da Psicanálise Francesa

Jean Jacques Rassial, psicanalista da Associação Freudiana Internacional (Paris), trouxe para os trabalhos psicanalíticos sobre a adolescência as contribuições da teoria lacaniana, concebendo-a como uma crise que põe em marcha os processos identitários do sujeito.

Desse modo, introduz a idéia de que a adolescência é uma operação psíquica que exige, não somente uma “aposta imaginária” (Rassial, 1995, p. 87), em que deve haver uma adaptação do eu a uma nova realidade fisiológica e social, mas também coloca em questão apostas simbólicas, principalmente

porque põe em questão a metáfora paterna, mais especificamente, o estatuto do Nome do Pai.

“Com efeito,, após o Édipo, a adolescência é o segundo encontro verdadeiro dos limites de uma onipotência infantil artificialmente mantida durante a latência. Ele (o adolescente) se confronta então, e confronta os outros, à impotência, à interdição e ao impossível: à impotência imaginária que afeta um corpo constituído na infância, à interdição simbólica que constitui o eixo da língua em que se prometia mentirosamente o gozo, ao impossível do real de um ato sexual que funda a relação com o Outro”
(Rassial,1997 a, p.19).

O efeito da puberdade, coloca Rassial (1997 a), é que o corpo da criança, agora adulto, exige que o adolescente passe a reapropriar-se de sua imagem corporal, tal como foi construída na primeira infância, na época chamada de estágio do espelho.

Retomemos um pouco o que se passa no estágio do espelho (Lacan, 1949/1998): a criança é levada a descobrir que o outro do espelho não é um outro real, mas uma imagem, seu re-conhecimento imaginário do corpo como não esfacelado se dá, então, como uma *Gestalt*, de forma exterior e invertida. Essa Gestalt simboliza a permanência mental do “eu”, ao mesmo tempo em que prefigura a sua distinção alienante.

“A função do estágio do espelho revela-se para nós, desde logo, como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo à sua realidade...”
(Lacan, 1949/1998 p. 100)

Apesar de ocorrer um re-conhecimento de si a partir da imagem do espelho, a criança ainda está fusionada à mãe, seu desejo é o desejo dela (a mãe); ela (criança) supõe ser o objeto que falta à mãe (falo). Essa ilusão não

tarda a ruir, quando a intrusão do pai no desejo da mãe introduz o registro da castração como falta simbólica do objeto imaginário (o falo); a criança é confrontada com a lei paterna, que marca o declínio do complexo de Édipo. O pai, enquanto ocupa o lugar simbólico de interdição, torna-se um significante fálico (Dor, 1989).

“A reposição do falo em seu devido lugar é estruturante para a criança, seja qual for o seu sexo, a partir do momento em que o pai, que supostamente o tem, tem preferência junto à mãe. Tal preferência, que atesta a passagem do registro do ser ao ter, é a prova mais manifesta da instalação do processo da metáfora paterna e do mecanismo intrapsíquico que lhe é correlativo: o recalque originário” (Dor, 1989 p. 100).

O adolescente é confrontado com a distância entre a realidade de seus pais e os pais ideais ou idealizados da infância que, por um tempo, encarnaram o estatuto do gozo adulto. Agora seus pais são sujeitos comuns, com seus conflitos, seus limites, seus desejos; a promessa do gozo não se cumpre.

Rodulfo (1997) sugere que essa descoberta de que os pais não são *os grandes* é da ordem de um trauma; o sujeito é “parido” subjetivamente da família. Ruffino (1993) traz a idéia de que, se uma operação psíquica deve ser feita, é porque o sujeito está diante de uma falta; o trabalho é o trabalho de luto.

Na adolescência, diz Rassial (1997), a metáfora paterna perde seu valor, devido à desqualificação do pai e da família ao encarnar imaginariamente o Outro. Os pais não sustentam mais o eu ideal, e o apoio que o adolescente ali encontrava em relação às angústias do Outro, vacila. Seu corpo, agora como o dos pais, reedita o estádio do espelho, na medida que a voz e o olhar da mãe, que na infância sustentaram sua existência, se apresentam reativadas enquanto pulsões (escópica e invocante). As modificações se dão tanto em nível imaginário quanto simbólico. Na menina, em vista do crescimento dos seios e das regras, a relação com o outro se dá na dimensão do olhar; no menino, a voz assume posição central. O que garante a imagem do corpo não

são mais o olhar e a voz da mãe, mas o que dirão e verão os seus pares, e, sobretudo, os eventuais parceiros do mesmo sexo.

“Este duplo referencial pulsional da voz e do olhar permite, talvez, definir a adolescência como momento, lógico, do a posteriori do estágio do espelho... o adolescente deve se confrontar, para além de uma morte da imagem, com o fato de que o sujeito não se define apenas em ser, mas em ter, na medida em que ali se instaura a dinâmica da perda do ser.” (Rassial, 1997 a , p. 17)

A operação permite que a criança se coloque como sujeito do Outro, e não mais como objeto. A linguagem inaugura os esforços pela renúncia ao objeto perdido. O Nome do Pai é o novo significante que substitui o significante desejo da mãe, e irá ancorar o Outro.

Na adolescência, de forma semelhante, o jovem tem que aceder imaginariamente além do falo, a uma relação genitalizada (Rassial, 1987 a). O jovem deve apropriar-se do sintoma que era o desejo dos pais e se tornar proprietário de seu lugar no campo do Outro.

A desqualificação dos pais é estruturante, mas coloca o sujeito em risco. O adolescente está sempre confrontado, diz Rassial (1997 a), com uma “pane”⁵, em seu pensamento e em seus investimentos, assim como nas diferenciações estruturantes entre o agir e o discurso, o passado e o futuro, o familiar e o social.

Ao adolecer, o sujeito deve realizar uma série de operações fundadoras, iniciadas no momento do Édipo, que devem ser recalçadas no *a posteriori*. A “pane” é um efeito das “*encarnações imaginárias do Outro*” (p. 72). Há uma reatualização da posição depressiva, marcada por muitas decepções, que procurará uma solução ao mesmo tempo discursiva e de ação. Rodolfo (1997) coloca que a ferocidade quanto à desqualificação dos pais aparece, muitas vezes, como fobia a projetos futuros. A adultez é vista como cinzenta e isso irrita e enfurece.

⁵ Termo criado por Rassial com o sentido de “quebra de desenvolvimento” - *breakdown* (1997, p. 38).

Outra das decepções da adolescência é a da não relação sexual. A promessa edípica “renuncie provisoriamente ao gozo do qual terá direito mais tarde” (p.15) revela-se enganadora porque o jovem descobre que o gozo genital também é parcial e o gozo absoluto está postergado, até a morte. Esse processo está acompanhado de angústia e depressão.

“Se há algo que o adolescente sabe é se servir de seus afetos, ou seja, servir-se da angústia contra a depressão e da depressão contra a angústia. O gosto pelo risco do adolescente é isto: está numa posição depressiva e se faz assustar... o faz para senti-se real, diria Winnicott. Para provar que existe. (Rassial, 1995, p. 97)

O fantasma edípico, a morte do pai, resolve-se simbolicamente. Para o adolescente, esse pai, que agora se parece com ele, é visto como finito, limitado, no real; passível de uma morte sem causa. O pai, assim, deixa de ser o representante único da ordem simbólica, como outrora, e passa a ser um elo na cadeia de gerações (Rassial, 1980).

Acerca disto, Penot (1995) nos diz que a crise da adolescência não é tanto do representante paterno como símbolo identitário, mas da consistência imaginária: o filho fica tomado por dúvidas quanto ao valor que pode creditar para si mesmo a figura do pai. É o imaginário referencial que entra em crise.

Essa crise também é evocada nos pais, que se verão obrigados, como pessoas, a reinventarem seu lugar. Será preciso que se apoiem sobre sua qualidade de homem e mulher, sem que se possam contentar com sua função de pais; eles também têm um trabalho a fazer. Questionam sua identidade e são reconduzidos a questionar seus pais fantasmáticos (Rassial, 1997 a).

O sofrimento da adolescência, diz Rassial (1997 a) é devido ao *saber em demasia* que, mal recalcado, retorna e perturba. Esse saber é o da incompletude e incoerência dos discursos dominantes. O discurso do pai, que orienta o laço familiar, e o discurso do mestre, que funda cada laço social, opõem-se explicitamente. A adolescência está marcada por este tempo; um tempo para que possa migrar do discurso do pai para o discurso social (do mestre).

A escolha de “*um ofício que faça profissão*”, como bem diz Rassial (1997 a), permite que o adolescente autorize-se a uma relação com o Outro além da metáfora paterna; permite refundar sua identidade sobre o vestígio, defasado, da primeira inscrição.

“A escolha de uma profissional é isto. Quando se encontra uma profissão é porque se encontrou um novo nome-do-pai. Ao meu ver. A escolha profissional deve ser entendida como a tentativa de construir um novo nome-do-pai. Passa-se o mesmo com o sintoma, que toma sua dimensão sexual na adolescência - é isto a adolescência, escolher seu sintoma ele ou seu sintoma ela. É preciso inventar novos nome-de-pai”. (Rassial. 1995, p.94).

Para além do pai da realidade, há uma paternidade outra que o adolescente exige saber nomear; para si, agora, e para transmitir à sua posteridade, no futuro. Nas palavras de Ruffino (1997) : *é nessa nomeabilidade de um pai simbólico inacessível que se joga toda a questão do valer* (p. 296).

1.3 A linguagem adolescente – algumas considerações

O interesse pela adolescência provém do instrumento que utilizaremos para nossa investigação: a escrita do adolescente sobre si mesmo. A originalidade na forma de se expressar verbalmente com outros do grupo é uma característica da adolescência, amplamente abordada na literatura psicológica.

Não pretendemos proceder, aqui, a uma apresentação extensa do assunto. Essa questão nos é importante não somente porque partimos do pressuposto de que o sujeito aparece através de seu discurso (ou das falhas dele), mas também pelo inusitado⁶ instrumento que utilizaremos para nossa investigação, qual seja,

⁶ A expressão é uma referência à escassa literatura encontrada sobre os escritos autobiográficos dos adolescentes em processo de escolha profissional. A grande parte dos trabalhos sobre autobiografias se refere a pessoas que publicam suas autobiografias, de forma que há uma relação íntima entre o público e o privado. Devido às circunstâncias de nossa investigação, esta relação não se aplica, porém, vale ressaltar o que traz Orlandi (1988) sobre a produção escrita autobiográfica; é “*um processo de legitimação; ... uma forma de sair do silêncio*”. (p. 13)

a escrita do adolescente sobre si mesmo. Nosso interesse estará relacionado não somente à fala do adolescente, mas também ao uso que o adolescente faz da escrita para dar significado à sua história.

Blos (1997, p 62) coloca que as mudanças da linguagem de geração a geração são uma referência à criatividade do adolescente na busca pela identidade. O autor denomina de *fala idiomática* todo o repertório de neologismos e gírias que o jovem utiliza com o intuito de criar algo que o identifique com o grupo e, ao mesmo tempo, marque sua distância a tudo que represente a linguagem tradicional.

Rassial (1997 a) afirma que as gírias utilizadas pelos adolescentes constroem-se de duas maneiras complementares: de um lado, produzem metáforas que enriquecem a língua, de forma poética; de outro, efetua-se uma subversão da língua-mãe.

Sudbrack (1997) propõe que no momento de passagem entre o autoerotismo infantil e a relação de objeto adulto, os adolescentes adquirem um gosto inesperado e repentino pela leitura de obras, que não só lhes darão notícias do mundo mas fazem emergir a necessidade de escrever. Os diários e poesias surgem como uma forma de expressão das angústias e inquietações do adolescer em relação ao tempo.

Sousa (1997) entende que a escritura do adolescente cumpre a função de conquista de um lugar, na medida que ele pode, assim, experienciar a dimensão do *estrangeiro* (imposto pela alteridade) em que ele se vê jogado subitamente.

“a experiência da escritura na adolescência é um elo fundamental na relação com o pai, ou seja, trata-se de uma tentativa de instituir, no campo do simbólico, um novo laço social. Construção feita a partir dos restos desta implosão corajosa das primeiras relações identificatórias” (p. 208).

O movimento de construção de um lugar a partir de um não-lugar é condição para que a escritura revele um estilo. A escritura, diz Sousa, é um caminho que se abre no campo do Outro; uma tentativa de conjugação entre o

espaço e o tempo. O hábito de escrever a vida e seus interrogantes apresenta, complementa o autor, duas características: a emergência de uma alteridade e necessidade de reter o fluxo do tempo (que aparece através das historicizações detalhadas do cotidiano).

1.4 O processo de escolha de uma profissão – a contribuição da psicanálise

Freud considerava que o indicador mais significativo da saúde de um indivíduo é ser capaz de amar e trabalhar. Na dinâmica psíquica, o vínculo com o trabalho se revela tão importante quanto o vínculo amoroso. Dessa forma, entendemos que há uma profunda relação entre a eleição de um ofício que, como diz Rassial (1997), “faça profissão” e dos objetos amorosos. Nessas eleições encontramos as vicissitudes que o sujeito enfrenta em relação à demanda social.

Freud não escreveu nenhum artigo sobre o tema da eleição profissional, salvo em alguns trechos de seu texto autobiográfico (1925), em que se refere aos descaminhos de sua trajetória profissional. Entretanto, alguns de seus primeiros discípulos ocuparam-se do tema, teoricamente. Stekel (citado por Corbal, 1990) propõe que na eleição profissional a sublimação e a identificação têm papel preponderante. Brill (citado por Corbal, 1990) entende que a eleição profissional é um domínio da conduta na qual a sociedade permite a um indivíduo combinar o princípio do prazer com o princípio da realidade; não são características físicas ou mentais que permitem eleger uma profissão, diz Brill, mas a sublimação de impulsos básicos.

Com o advento da psicanálise, e a revolução que a mesma significou na compreensão do ser humano, ficam evidenciadas as carências do enfoque psicométrico de orientação profissional. Sob o ângulo da psicometria, seria possível que o indivíduo escolhesse uma profissão através de alternativas que são oferecidas em uma testagem, ou através da análise da personalidade feita por testes projetivos. O que a Psicanálise traz é a questão do conflito que subjaz a toda a escolha e que não pode ser elaborado senão através da fala.

Foi a partir dos estudos de Bleger e Ulloa (citados por Corbal, 1990), na Argentina, que as questões quanto à escolha de uma profissão tornaram-se

centrais. A Orientação Vocacional, como um campo de ação da psicologia clínica, surge com o livro de Rodolfo Bohoslavsky (1971). A psicanálise aparece, então, como suporte teórico para a compreensão do processo que envolve a escolha de uma profissão.

Dessa forma, Bohoslavsky (1979) ressalta o caráter sintomático da decisão profissional, propondo que se imponha uma leitura interpretativa do processo, que permita compreender o caráter “*sobredeterminado e multideterminado da escolha*”(p.8). A pessoa que decide suporta e transporta tanto determinações culturais como psíquicas.

A estrutura do aparelho psíquico, por um lado, e a estrutura social por outro, que se expressam através da dialética de desejos, identificações e demandas sociais (que a família, a escola e os meios de massa veiculam) não poderão deixar de ser objeto de nossa consideração” (Bohoslavsky, 1978, p.8)

Dentro dessa perspectiva, Bohoslavky toma a escolha de uma profissão como um processo em que se evidenciam a dialética das identificações do indivíduo, lutos, elaborações e reparações das vivências da infância.

A pergunta da qual partimos, num processo de escolha profissional, são basicamente, duas: a) o que entra em jogo quando um jovem é interpelado pela cultura (Outro) sobre o que fazer e; b) o que entra em jogo quando um adolescente demanda: “necessito que outro descubra minha vocação”.

Na primeira questão, encontramos-nos diante do interrogante “quem ser”; há uma convocação para que o jovem construa uma identidade no mundo social. Não é apenas o nome de uma profissão que se busca, mas a própria identidade; de um atenuante para as angústias da necessidade de ser reconhecido.

A segunda questão invoca o alienamento do sujeito acerca de seu próprio desejo. Ferrari (1990) entende que está aí uma dupla ilusão de quem escolhe; a de que a vocação (algo que se desconhece) está escondida dentro de si e que um outro pode saber desse algo ignorado pelo próprio sujeito.

Na vocação se manifesta a mais absoluta alteridade que constitui o sujeito, nos diz Ferreira (1990). A vocação é um chamado do Outro, quando se produz a união da linguagem, o imaginário do indivíduo e o imaginário social.

Se é “vocado”⁷ desde fora, para fora, passando pelo singular do sujeito.. o encontro com a vocação se produzirá mais pela sua busca, a busca do já está aí, por uma posição do sujeito de estar aberto ao chamado do Outro.(Ferreira, 1990, p. 42)

Entendemos que a orientação vocacional como estratégia de ação, tal como propõe Bohoslavsky (1971), escapa à proposta da psicanálise, uma vez que propõe uma intervenção em nível do consciente. Temos clareza, porém, que isso não impede que se possa fazer uso dela para a compreensão do que se passa com o sujeito que não consegue (ou não pode) escolher.

O que não se perde de vista é que a Orientação Vocacional pode servir como um espaço onde seja possível o sujeito pensar, se interrogar e enunciar algo acerca do próprio processo de singularização.

1.5 Considerações Metodológicas

A psicanálise dispõe de um único meio de explorar o funcionamento inconsciente do sujeito: a *fala*, suas estruturas e leis. Um texto, nos diz Kristeva & Fernandez (1996), pode ser comparável ao sonho ou à unidade discursiva correspondente à sessão de análise, na medida que também remete à subjetividade. Existe, pois, um inconsciente do texto, no momento em que ele se dirige a um outro. Há produção de um efeito, que, nesse estudo, será tomado como produto de um trabalho inconsciente. Sobre o texto são feitos recortes que são tomados como enunciações, sendo esta nossa unidade de análise.

A fim de extrairmos do que está dito sentidos que vão além do que está literalmente posto, utilizamos a *Teoria da Pressuposição* de Ducrot (1987)

⁷ Termo da língua espanhola que, pelo seu sentido pleno, preferimos não traduzir.

como ferramenta, como instrumento de investigação. Através de seus postulados foi possível subtrair sentidos que estão implícitos na escrita autobiográfica dos adolescentes.

Apesar de considerarmos que a Lingüística, a partir da inclusão da subjetividade no discurso, permite aproximações com a psicanálise, não temos esse propósito nesse trabalho. Entendemos, outrossim, que a Lingüística procura explicar os processos lingüísticos que escapam à consciência do sujeito falante, e se aproxima da psicanálise nesse aspecto, porém não leva em conta as transferências, recalcamientos e resistências do sujeito. Isso as torna disciplinas com epistemes diferentes.

Esse esclarecimento nos parece pertinente, como justificativa por não dedicar a esta disciplina o espaço que sua profundidade exige. Nossa decisão apóia-se no fato de que não a tomaremos como referência central para nossa investigação, embora ela tangencie esse estudo.

Entretanto, à margem da incompatibilidade epistemológica que pensamos existir entre as duas disciplinas, buscamos seus pontos de convergência, pois eles nos forneceram a possibilidade de construir um instrumento de análise dos nossos dados⁸, com base na teoria de Ducrot (1987).

Dentro dessa concepção, é possível fazer uma análise dos sentidos que estão implícitos no discurso, permitindo tanto uma análise pormenorizada de cada caso, bem como, buscar evidências de elementos comuns.

A *Teoria da Pressuposição* de Ducrot (1987) demonstra que o sentido não se encontra no nível da língua, mas da enunciação. Essa oferece a possibilidade de repartir os conteúdos enunciados em elementos semânticos postos e elementos semânticos pressupostos ou subentendidos.

O enunciado produzido por um locutor pode ser desdobrado em um ato de posto e de pressuposto. O ato de asserção, ou posto, corresponde ao que está dito; porém, diz o autor há um ato de pressuposição, que dá ao locutor a possibilidade de dizer implicitamente alguma coisa. Através do sentido que esta implícito, portanto, é possível interpretar o que foi dito (posto). Cada enunciado

⁸ A utilização da *Teoria da Pressuposição* de Ducrot como ferramenta metodológica pode ser encontrada e outros trabalhos, como de Viera (1996) e Silva (1996).

possui, independentemente de toda a enunciação, uma “significação” que está literal e uma outra que está em função de uma situação.

De início, Ducrot estabelece uma diferenciação entre o conteúdo pressuposto e o conteúdo subentendido de uma enunciação, estando a diferença colocada, principalmente, em relação ao enunciado. Assim, postula que o posto ocorre simultaneamente aos atos de comunicação, enquanto que o subentendido ocorre posterior a esse ato, através da interpretação do ouvinte.

Num reexame que faz de suas assertivas, Ducrot aproxima os conceitos de subentendido e pressuposto, enfatizando o que eles têm em comum: em ambos os casos, ao locutor é dada a possibilidade de se retirar da fala e não se responsabilizar pela mesma. Apontar os pressupostos de um enunciado permite, então, que se explicita o que está além do dito, sem que o próprio locutor se aperceba disto.

O que permite que se vá além do dito são a consistência do discurso (que é o que lhe dá coesão) e o encadeamento que ele traz em si, sendo que esse processo é realizado pelo destinatário.

Nessa investigação, portanto, observamos o encadeamento dos sentidos (associação de idéias) e a forma como se articulam os enunciados dos adolescentes para chegar aos pressupostos da fala. Através da análise dos pressupostos, que podem ser inconscientes ao falante, apreenderemos o conteúdo implícito em cada histórias contadas. Assim, constatamos ser possível discernir nos enunciadas as marcas da subjetividade adolescente.

1.6 Objetivos

A partir da compreensão da adolescência como um processo em que a relação do sujeito com a família (pais) entra em colapso, a questão norteadora dessa pesquisa está na possibilidade de relacionar a escolha de uma profissão com o processo de luto pelos pais da infância. Para tanto, este estudo conta com a produção escrita de adolescentes que se encontram no processo de escolha profissional; a partir de uma análise dos sentidos implícitos dos enunciados em suas autobiografias, identificaremos de que forma o luto pelos pais surge no

discurso do adolescente. Essa análise constituir-se-á uma ampliação dos nossos conhecimentos sobre a adolescência.

CAPÍTULO 2

MÉTODO

2.1 Delineamento

O delineamento proposto para esta investigação é o estudo de casos múltiplos, do tipo descritivo, proposto por Yin (1993). O estudo terá como base a análise do discurso do adolescente através de sua escrita autobiográfica.

Consideramos o presente trabalho como um estudo de caso instrumental, uma vez que, na definição de Stake (1994), o caso é de interesse secundário; é visto em profundidade, considerando cuidadosamente o contexto, mas apenas como suporte para perseguir um interesse teórico.

Tal como coloca D'Allones (1989), essa pesquisa visa explorar os pressupostos teóricos já desenvolvidos na introdução deste trabalho, de forma que se possa ilustrar um processo e estabelecer hipóteses com relação à problemática.

Sujeitos

Farão parte deste estudo seis autobiografias de adolescentes, de ambos os sexos, que estejam inseridos no processo de Orientação Vocacional do Instituto de Psicologia da UFRGS. O processo inclui sessões semanais, com duas horas de duração, quando o adolescente tem espaço para falar de si mesmo a um grupo de pessoas que se encontram no mesmo momento circunstancial. A autobiografia é uma das tarefas que o adolescente é convidado a realizar. Só participarão desse estudo as autobiografias que forem autorizadas por seus autores para fins de pesquisa.

2.2 Instrumentos

O instrumento de análise são autobiografias escritas por adolescentes que estejam participando do processo de orientação para uma escolha profissional.

A autobiografia é um recurso dentro do processo de orientação vocacional que visa uma aproximação do sujeito que escolhe com o profissional que o está auxiliando. As autobiografias não são trabalhadas em grupo e têm o objetivo de auxiliar o orientador na compreensão dos fatores que possam estar intervindo no processo de escolha de uma profissão e que não aparecem no trabalho em grupo (oralmente).

As pesquisas atuais que utilizam escritos autobiográficos como instrumento de investigação em psicologia visam, em geral, analisar personalidades famosas que publicam sua história, procurando relacionar a vida do autor à sua obra (Siegal,1996; Rockwell & Thibaudier, 1993). Outra forma de estudar o escrito autobiográfico inclui a investigação do efeito terapêutico que esta prática proporciona no trabalho com pacientes psiquiátricos em tratamento (Lindsley,1995). Encontra-se, inclusive, vasta bibliografia de experimentos comparativos, realizados pela neuropsicologia, com pacientes amnésicos (Fink & Markowitsh & Reinkemeier & e col., 1996; Fivush, 1998), e autobiografias escritas por pacientes sindrômicos e com patologias terminais (Philip,1995).

Os estudos semelhantes ao que propusemos nesse trabalho trazem a autobiografia para o campo psicanalítico, centrando na análise do texto autobiográfico, no que ele revela, em si, acerca do sujeito que escreve. A partir da psicanálise, encontramos artigos como o de Moraitis (1981) que põe ênfase na autobiografia como um documento psicológico e histórico. A autobiografia, diz o autor, é uma tentativa de criar uma nova lenda, cuja função inclui o desejo de estender-se além das fronteiras, onde o tempo e o lugar não correspondem à realidade.

Chiantaretto (1993) enfatiza que, no trabalho de escrita autobiográfica, encontra-se a fantasia de “auto-geração” (do inglês *self-generation*) de seu autor. Em 1990, num artigo intitulado *Por uma pesquisa psicanalítica da autobiografia. Prolegômenos*, esse mesmo autor sugere que, uma vez que a autobiografia explora o universo fantasmático de seu autor, trazendo consigo seu processo de construção, torna-se impossível explicá-la em termos puramente literários; portanto, deve ser compreendida pela psicanálise como uma narrativa, onde há uma identificação entre o autor, o protagonista e o narrador.

Polkinghorne (1991) sugere que, a partir de uma autobiografia, o eu passa a ser pensado como uma narrativa, onde, mais do que uma substância ou um fenômeno, seja enfatizada a dimensão temporal e dramática da existência humana.

Como método de estudo, Birren & Hedlund (1992) enfatizam a importância das autobiografias e biografias para o estudo do desenvolvimento do ser humano. Uma autobiografia dirigida a um objetivo, como é o nosso caso, permite que se tenha acesso a dados sobre os sujeitos que se encontram numa mesma conflitiva.

As pesquisas atuais que utilizam escritos autobiográficos como instrumento de investigação em psicologia visam em geral, estudar a memória em pacientes ou o efeito terapêutico que a escrita têm sobre os sujeito

2.3 Procedimento

Essa pesquisa parte de um material recolhido durante o processo de Orientação, quando o adolescente é convidado a escrever sua autobiografia.

A solicitação é de que o sujeitos escrevam sua história, de maneira informal e que nela conste, ao final, como se sentem com relação ao momento que atravessam. A sugestão é que possam incluir nesse texto tudo o que pensam ser importante de história pessoal e que gostariam de falar. O objetivo é que, dessa forma, a orientadora possa conhecê-los de forma mais individualizada, uma vez que o trabalho de orientação é feito em grupo. Não há qualquer solicitação específica para que o adolescente se remeta a sua relação com os pais.

1.5 Análise dos dados

A psicanálise, como método de investigação dos processos inconscientes que surgem através do discurso, nos serve de suporte teórico. O objeto de estudo passa a ser a escrita do sujeito sobre si mesmo, de onde partimos para estudar a forma como os pais aparecem no discurso desses adolescentes. A utilização da Teoria da Pressuposição de Ducrot (1987) serviu como ferramenta de análise,

tendo em vista sua convergência com alguns preceitos psicanalíticos. Através deste levantamento, investigaremos em que medida o processo de luto pelos pais da infância se relaciona com a escolha de uma profissão.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS

Diante da riqueza do texto autobiográfico, onde o sujeito nos fala de si mesmo de forma livre, várias possibilidades de análise e caminhos de entendimento se delineiam. Entretanto, conservamos a preocupação de encontrar, em cada escrito, uma lógica que nos remetesse à nossa questão de pesquisa, qual seja, se é possível estabelecer uma relação entre o processo de luto que o adolescente faz de seus pais da infância e a escolha de uma profissão.

Em nossa leitura, percebemos que o conteúdo de cada autobiografia se diversifica conforme o estilo de cada autor, mas que seria possível, a partir da forma com que se remetiam às figuras parentais, bem como à seqüência de idéias apresentadas, extrair sentidos que revelem como esses jovens se sentem em relação aos pais, ao momento pelo qual passam e ao futuro. Para nosso objetivo, decidimos utilizar a Teoria da Pressuposição de Ducrot como auxílio metodológico⁹. Buscando levantar os sentidos implícitos nos trechos selecionados, que chamamos de posto, colocamos sob siglas (Pp1, Pp2, etc.) os pressupostos, ou seja, o que está dito além do que está posto.

Assim, procedemos nossa análise em quatro tempos: iniciamos com uma seleção de dois temas centrais: como o adolescente fala de seus pais e como se refere a si mesmo. Após recortar da autobiografia as referências diretas aos pais, buscamos, também as citações indiretas, ou seja, que, pela seqüência das associações, se evidenciavam relativas às figuras parentais. O mesmo tratamento foi dado ao dizer do adolescente sobre si mesmo. Em seguida, fizemos uma síntese dos pressupostos levantados a partir do que o jovem diz, buscando uma outra cadeia associativa, além do sentido explícito (do dito). Para finalizar, tecemos alguns comentários acerca dos achados, no sentido de articular os pressupostos encontrados com nossa questão de pesquisa.

Essa última parte da análise de cada autobiografia, que nomeamos de *Comentários*, destina-se a abordar de que forma o adolescente em questão coloca-se

em relação ao tempo. Ou seja, partimos de uma idéia particular de que a forma como o jovem se remete ao tempo passado, ao presente e com relação ao seu futuro, que está presente na análise dos resultados, fornece-nos bases para nossa discussão.

De acordo com nossa proposta, entendemos que a análise de como o adolescente se refere ao seu passado, por exemplo, permite olhar o movimento que esse faz com relação à sua infância. A forma como coloca os pais, e, também, como se coloca diante das exigências do mundo nos dão acesso à compreensão do processo do luto pelos pais da infância, uma das tarefas a ser realizada neste momento da vida.

Da mesma forma, a análise de como o tempo presente está colocado, permite-nos sentir quais os caminhos identificatórios percorridos, qual a função dos pares, o encaminhamento da sexualidade e, também, as demandas feitas por eles, adolescentes, à sociedade.

Por último, objetivamos analisar como surgem as perspectivas futuras, visando vincular o luto pelos pais da infância com a possibilidade de projetar-se no futuro e escolher um ofício.

3.1 - CASO F.

3.1.1 Análise

3.1.1.1 Como se refere aos pais

F. é uma adolescente efusiva no modo de escrever e anuncia, no princípio de sua autobiografia, que iniciará falando de sua família, passando rapidamente a descrever seu pai. Apresenta, é importante comentar, a mesma forma de descrever as pessoas que lhe são significativas (incluindo amigos): principia pela idade, o signo astrológico e a profissão, para, em seguida, falar como os percebe e como se relaciona com cada um. Sobre o pai, então, diz¹⁰:

⁹ A utilização desta abordagem como metodologia para análise de dados já foi utilizada em trabalhos como os de Silva (1996) e Souza (1996), em suas dissertações de mestrado.

¹⁰ Será mantida a forma com que o sujeito escolheu escrever seu texto, inclusive uso de parágrafos e erros de português, pois entendemos que assim preservaremos o estilo do autor, bem como poderemos analisar a seqüência de seus pensamentos e seus atos falhos.

“Fumou durante 30 anos e só parou por problemas de Graças a Deus porque eu e meu irmão tínhamos bronquite asmática e freqüentemente íamos parar no hospital tomar oxigênio.”

Pp1: F. sente que o pai não se preocupava com os filhos.

Pp2: F. sente que os filhos não são a razão pela qual o pai parou de fumar.

Prossegue F:

“Ele era muito brabo e carrancudo na minha infância. Não deixava que os amigos do meu irmão ficassem aqui em casa até muito tarde. E comigo, se eu caísse e me machucasse ele me xingava dizendo que eu ia ficar com as pernas cheias de cicatrizes e feias em vez de me socorrer. Eu caía quase sempre porque eu tinha os pés e os joelhos virados para dentro e pernas muito finas e muito fracas por causa da anemia. (só caía quando estava correndo)”

Pp3: O pai de F não dava liberdade ao filho. (irmão de F).

Pp4: Para F., o pai estava pouco conectado com as necessidades e carências dela.

Pp5: F. sentia que o pai não prestava atenção nos problemas de saúde dela.

E complementa:

“Mas hoje meu pai é brincalhão e eu consigo conversar sem brigar com ele. Meu grande amigo e ótimo pai”.

Pp6: Houve uma mudança na relação pai-filha, permitindo que F. se aproximasse do pai.

Pp7: F. busca contemporizar as atitudes anteriores do pai da infância.

Pp8: F. busca relações sem brigas.

Encerram-se, dessa forma acima descrita, as primeiras referências de F. ao pai. Ela passa a falar, então, de sua mãe. Apresenta-a pela idade, signo astrológico e profissão, acrescentando:

“Nunca pode trabalhar porque o meu pai não deixa. Sofreu muito com o meu pai, pois brigavam demais. Falaram até em separação. Eu ficava muito nervosa com as brigas.”

Pp9: A mãe submeteu-se ao pai, e o faz até hoje.

Pp10: O pai faz as pessoas da família sofrerem.

“Mas hoje eles tem 30 anos de casamento e estão bem casados. Só ha discussões de problemas que toda a família tem. Minha mãe sempre foi igual comigo, sem mudanças radicais, sempre minha amiga inseparável, a melhor mãe do mundo!!!”.

Pp11: F. orgulha-se do tempo de duração do casamento de seus pais.

Pp12: Ao contrário do pai, F. reconhece na mãe uma pessoa confiável e estável.

Pp13: F. mantém com a mãe uma relação de igualdade.

F. não se alonga em falar da mãe. Refere-se, em seguida, ao irmão mais velho, e acrescenta:

“Esta é minha pequena mas amada família”

Pp14: F. reconhece que sua família não é a ideal.

Pp15: F. busca contemporizar sua desilusão com a família.

Após essa frase enfática, F. decide, então, que irá falar de si mesma. É somente mais próximo do encerramento de sua autobiografia que se refere novamente aos pais, voltando a falar do pai:

“Tenho muitos amigos agora. Eles estão sempre aqui em casa. É que eu pensava que meu pai ia barrar meus amigos como ele barrava os do meu irmão, mas ele abriu as portas. Ficou amigo dos meus amigos aprendeu a viver com pessoas mais jovens e a ser mais jovem”.

Pp16: As portas da casa eram fechadas aos amigos.

Pp17: F. se mostrou surpresa com a abertura das portas aos amigos.

Pp18: F. supõe que o pai aprendeu com ela a ser mais jovem.

Pp19: O pai mantém com F. e seus amigos uma relação de igualdade.

A frase seguinte de F. mostra seu esforço em transmitir uma idéia boa de sua vida e de sua família. Diz F. :

“Eu e meus amigos fazíamos muitas festas, às vezes eles vinham de noite e só voltavam para casa só de manhã bem cedo.

Em resumo, pai carrancudo no tempo do meu irmão e hoje, comigo, pai amigo e brincalhão.

Mãe amiga, nunca mudou.”

Pp20: F. chama a atenção para a mudança ocorrida na atitude do pai.

Pp21: O pai de F. não deu a ela os mesmos limites que dera ao irmão.

Pp22: O pai e a mãe de F. se tornaram seus amigos, pondo fim às divergências (ou diferenças).

3.1.1.2 Como se refere a si mesmo

Como em outros trechos de sua autobiografia, F. procura mostrar que sua vida atual é ótima, principalmente se comparada ao passado. Vejamos, primeiramente, como se apresenta:

“Sou ariana, teimosa e muito sensível. Quando criança eu era muito tímida, tinha vergonha de mim mesma. Não tinha coragem nem de sair na rua quando tinha um guri lá fora.”

Pp23: F. utiliza a astrologia como forma de definir-se.

Pp24: F. tinha dificuldade em aceitar-se.

Pp25: A timidez está relacionada ao sexo oposto.

Então, prossegue F.:

“O único lugar que eu ia era no Colégio. Foi uma tortura para minha mãe, eu chorava a tarde toda para não entrar na sala de aula, por vergonha de olhar para os colegas.”

Pp26: A mãe de F. incomodava-se com o choro e a vergonha da filha.

Pp27: F. não se sentia bem diante do olhar das crianças da mesma idade.

Foi a partir de sua entrada na adolescência que F. passou a sentir-se melhor, principalmente quando inicia um namoro. Nos revela F.:

“Namorei ele nove meses e foi aí que me soltei de verdade. Ele me ajudou a perder a timidez, me ensinou a ser sociável, enfim, além de namorado e amigo, ele me ensinou a gostar de mim mesma e a viver bem, sem medo.”

Pp28: F. sentia medo de viver.

Pp29: F. não gostava de si mesma.

Pp30: F. sentia-se presa.

Pp31: Ser gostada por um homem permitiu que F. se aceitasse melhor.

F. descreve que no momento sente-se feliz, que aprendeu a ter amigos e a dançar. E, fazendo um resumo de sua autobiografia, declara:

“Em resumo, eu ex-tímida, mas sem perde-la totalmente; uma vez anêmica e hoje uma pessoa normal com suas gordurinhas a mais; uma pessoa sem muitos amigos e hoje com amigos incontáveis; pais com algumas mudanças; um irmão feliz na sua profissão tão sonhada e uma infância reprimida que acabou com o início de uma adolescência agitada”

Pp32: F. enfatiza as mudanças positivas que a adolescência lhe trouxe.

Pp33: A infância foi difícil para F.

Pp34: F. não se sentia normal anteriormente.

Pp35: Ser feliz na profissão é importante para F..

Pp36: De uma infância reprimida F. passou a uma adolescência agitada.

Após esse parágrafo, F. lembra do quanto sofreu por usar aparelhos nos dentes, mas que agora tem dentes perfeitos, e encerra:

“Hoje gosto de mim como eu sou, não quero mudar em nada.”

Pp37: F. antes não gostava de si.

Pp38: F. passou por mudanças em si mesma.

Pp39: Se as mudanças no passado eram desejadas por F, hoje não as são.

3.1.2 Síntese da análise do caso F.

Um olhar sobre a autobiografia escrita por F. permite que digamos que o curso das associações por ela apresentado segue uma linha bastante interessante: F. inicia falando de sua família, passando pela sua infância e encerrando por nos falar do desenvolvimento de sua sexualidade. Nesse contexto, o pai surge como figura controversa e tangencia toda a sua história. Da infância não traz lembranças prazerosas e sobre sua sexualidade revela que enfrentou problemas com sua autoimagem, sendo a adolescência vivida como período de liberdade e descobrimentos.

De acordo com a análise dos pressupostos por nós levantados, podemos concluir que, *com relação às figuras parentais*, F. sentia o pai pouco conectado com suas necessidades e carências (Pp2, Pp4, e Pp5). A mãe é colocada como contraponto desse pai no que diz respeito à forma de lidar com os filhos, mas está submetida a ele (Pp9). A relação de F. com o irmão é boa, e as referências a ele surgem como apoio às suas queixas relativas ao humor paterno (Pp3).

O pai parece ser o centro das inquietações de F., estando desidealizado na infância (Pp6), mas perdoado na atualidade (Pp7). As mudanças descritas como ocorridas no pai (Pp20), no passado percebido como uma figura repressora (Pp3 e Pp30), são vistas como positivas e surpreendentes (Pp17), contudo, pela forma como concluiu sua autobiografia, com certo desgosto (Pp36).

A tensão e o sofrimento vividos em função do casamento conturbado dos pais fazem com que F. procure relações sem conflitos e brigas (Pp8). A mãe, neste

sentido, é descrita como estável, uma vez que com ela mantém uma relação de igualdade (Pp12 e Pp13).

Com a entrada na adolescência, F. procura desafiar o pai, e este mostra-se diferente com ela em comparação com o tratamento dispensado ao irmão (Pp21). O pai não dá a ela os mesmos limites em relação aos amigos (Pp19) e esta mudança do pai permite uma aproximação pai-filha (Pp6). F. deixa implícito que o pai tem se portado como ela, estando os três (ela, o pai e a mãe) numa relação de igualdade (Pp22).

Apesar das tentativas de F. de viver sem contrariedades, F. reconhece que não encontra na família o ideal (Pp15), e procura mostrar como o presente (Pp32) é bom se comparado à infância infeliz (Pp33, Pp36, Pp30). Entretanto, ao nomear sua adolescência de agitada, em oposição à repressão da infância (Pp36) F. apresenta uma contradição.

Ao falar de si mesma F. recorre à astrologia como forma de definir-se; fala de dificuldades com relação à saúde e à estética. Enfrentou problemas com sua imagem, fazendo com que não se sentisse como as demais crianças (Pp27). Sua dificuldade em aceitar-se (Pp24, Pp29) e sua insegurança (Pp28) a fizeram evitar maiores contatos com crianças de sua idade (Pp27).

F. revela que a adolescência lhe trouxe muitas mudanças, principalmente com relação à própria sexualidade (Pp25, Pp31 e Pp38)).

A chegada da puberdade e da adolescência permitiu que F superasse parte de seus medos e pudesse sentir-se melhor (Pp32). Após seu primeiro relacionamento amoroso F. descobre-se cheia de potencialidades; o olhar de um homem permitiu que F. gostasse mais de si mesma (Pp31). A adolescência é vivida como um momento de abertura, de vida agitada e de liberdade. As mudanças sofridas não são mais desejadas (Pp39)

3.1.3 Comentários

A partir de nossa análise, podemos perceber que F apresenta uma tendência a idealizar o momento pelo qual passa. Utiliza, para tanto, o recurso de contemporizar suas queixas com elogios efusivos à sua vida atual. A única exceção, que é uma evidência de contradição, é que F. sente o momento pelo qual passa como de

agitação, em oposição ao passado sentido como reprimido. A infância, esse passado, têm gosto de proibições e medos.

Não há referências a amigos íntimos ou fatos marcantes. A presença de amigos é importante fonte de movimento. A insegurança e a vergonha são sentimentos que F. associa com a infância e que, embora diminuídos em intensidade, ainda estão presentes. A referência a suas “gordurinhas a mais” deixa uma pista de suas dificuldades com a imagem que tem de si e com o que está a mais em sua “adolescência agitada”.

A proximidade com o pai sempre fora desejada, porém F. sente-se amiga do pai e da mãe; essa relação amigável com os pais, sem divergências, deixa F. carente de modelos para identificar-se. Esta idéia surge uma vez que, se as mudanças que ocorreram na família, inclusive nela mesma estivessem bem elaboradas, não haveria razão para que F. quisesse evitar novas modificações.

Assim, F. está vivendo intensamente o seu presente, não fazendo referência específica acerca do futuro. Embora fale da atualidade com enlevo, a agitação por ela manifestada e a procura por Orientação Profissional, contexto em que se deu esta produção autobiográfica, conferem ao seu discurso algumas contradições importantes.

3.2 CASO D. (18 anos)

3.2.1 Análise

3.2.1.1 Como se refere aos pais

A autobiografia de D. não é extensa e é dedicada, basicamente, a seus relacionamentos amorosos e à descrição de seu estilo e personalidade. Revela um linguajar solto e repleto de adjetivos e floreios poéticos.

Quanto aos pais, dedica-lhes um parágrafo curto no meio de sua autobiografia, voltando a falar, em seguida, de seus envolvimentos afetivos e projetos futuros. É importante marcar que os comentários que D. profere dos pais ocorrem de forma que o pai e a mãe estão colocados como um personagem singular, uma unidade, ou seja, não há separação da relação dela com a mãe e com o pai, mas com ambos como figuras que funcionam da mesma forma.

Para acompanharmos a seqüência de seu pensamento, é importante colocar que D. se remete aos pais após descrever suas características gerais e sobre seus sonhos, logo após afirmar seu desejo de morar sozinha para “*fazer o que quero*”.

Eis os comentários que faz D.:

“ Meus pais, apesar de jovens, são um pouco antiquados, eles se casaram jovens e moravam no interior, foram criados lá. Eu nasci no interior, mas moro na capital desde meu primeiro ano de vida”.

Pp1: D. sente que ela e os pais são diferentes.

Pp2: O fato de ela ter se criado na capital é a razão da diferença entre ela e os pais.

Pp3: D. entende que os pais são antiquados porque se casaram cedo e moravam no interior.

Após uma breve referência à irmã mais jovem, descrita apenas como alguém que a incomoda, D. acrescenta:

“Como dizia, meus pais são muito arcaicos, talvez por não terem aproveitado sua juventude; é que eles não entendem minha cede de viver, esta vontade de aproveitar tudo que a vida pode proporcionar, esta minha vida adolescente, quase mulher”.

Pp4: Para D. seus pais não viveram o suficiente a própria adolescência.

Pp5: D. não se sente compreendida pelos pais.

Pp6: Ser adolescente é aproveitar tudo o que a vida oferece.

Pp7: D. não se sente mulher ainda.

A partir dessas referências, D. não fala mais diretamente da família nem da infância, voltando a falar de si. Ao fazer referência sobre seus dissabores no amor, onde coloca que levou muitos tombos, D. fala de casamento, de seu lado *quase* mulher e, numa referência indireta aos pais, afirma:

“Sou a ovelha negra da família, é que sou a única que ainda não soceguei¹¹, que está sempre em função de algo, sou família, mas não tanto quanto eles acham que devo ser. Também sou eu, oh, tenho um primo da mesma idade que também não deu um jeito de casar; somos nós que aos 18 anos não tem ninguém em vista.”

Pp8: D. sente-se diferente na família.

Pp9: D. sente que os pais queriam que fosse mais próxima.

Pp10: O casamento para D. é uma necessidade.

Pp11: D. supõe que, com sua idade, deveria estar casada.

A preocupação revelada por D. com relação ao casamento está presente na seqüência das associações que se seguem. Antes, porém, acrescenta um aspecto de sua infância:

“Até os 5 anos de idade eu só morava com adultos e só convivía com eles, nunca ficava na rua, amigos só na escola, isso pode ser uma das causas de eu ter uma louca vontade de me comunicar com o mundo, de conhecer pessoas.”

Pp12: D. sentiu falta de mais liberdade para estar com crianças na infância.

Pp13: D. está procurando causas para sua comunicabilidade.

Pp14: D. deseja ter mais contato com o exterior.

A partir desse ponto, em sua autobiografia, D. dedica-se a falar sobre seus relacionamentos com o sexo oposto, como mostraremos na análise seguinte.

3.2.1.2 Como se refere a si mesma

Falar de si é o tema central da autobiografia de D. Define-se como sonhadora, recorrendo à astrologia como forma de descrever-se. Após falar de suas dúvidas com relação à opção que fará para o vestibular, diz:

“Sou tagarela mas ao mesmo tempo um pouco tímida, lá dentro. Sou muito agitada, sempre em movimento,

¹¹ Foi mantida a escrita tal qual no original.

talvez por ansiedade, medos. Eu tenho mil medos e isto me empaca, meu maior medo é cursar jornalismo e não conseguir o que eu quero, que é poder trabalhar com liberdade, poder me movimentar e não ficar atrás de uma mesa”

Pp15: D. associa sua agitação aos seus medos.

Pp16: O movimento é uma forma de aplacar a ansiedade e o medo.

Pp17: Falar bastante não significa que D. perdeu sua timidez.

Pp18: D. tem medo de não conseguir o que quer.

Pp19: D. deseja sua liberdade

Ainda descrevendo-se, diz D.:

“Sonhadora, me iludo fácil, sou carente, sensível, esperançosa, pra mim ela jamais vai morrer, quem sabe um dia...

Me preocupo muito com as pessoas que gosto, procuro fazer o possível e o impossível para ajudar estas pessoas e não as magoar.

Não estou preocupada com o que as outras pessoas vão pensar de mim, ou falar, o que importa é eu ser eu mesma e não viver escondida atrás de uma imagem que os outros querem ver”.

Pp20: Gostar das pessoas implica em ajudá-las.

Pp21: Gostar de pessoas significa não as magoar.

Pp22: D. oscila entre preocupar-se ou não com os outros.

Pp23: D. está procurando auto-afirmar-se.

Nesse ponto, D revela que já teve muitas decepções, principalmente com relação aos “guris”. Ressalta que é apaixonada pela vida e que quando o assunto é o coração, faz tudo para conquistar a pessoa amada. Surge, então, seu planos para o futuro:

“Tenho mil sonhos, mil planos e espero um dia realizá-los . Quero conhecer o mundo, viajar muito, viver muito, conhecer e viver tudo. Quero amar e ser amada de verdade. Quero ser uma ótima profissional, adoro

crianças e assim que me estabelecer financeiramente quero Ter um filho, mas se possível três. (O primeiro será antes dos 30 anos). Assim que prestar vestibular pretendo começar a trabalhar e arranjar meu cantinho, um lugar onde possa fazer o que eu quero.”

Pp24: D. precisa viver tudo intensamente.

Pp25: Para fazer o que quer é preciso morar sozinha.

Aqui é que D. fala de seus pais, como apontamos na análise anterior, logo depois, D. vai contar detalhadamente seus envolvimento afetivos.

Falar de amor abre um capítulo importante na autobiografia de D, tendo em vista o espaço dedicada à descrição de seus relacionamentos com os rapazes de sua idade, o que ela denomina de “rolos” ou “lances”. Sobre eles afirma:

“Romances, amores, paixões e namoros pra mim é complicado. Não sou de ficar enrolando, Tive dois namorados de 2 meses e muitos namoricos, só que não passavam de aventuras passageiras, pessoas que me fizeram bem quando precisei.”

Pp26: D. associa sua complicação, em relação a namoros, ao fato de não ficar enrolando.

Pp27: D. não quer aventuras passageiras.

Pp28: D. precisa de outras pessoas para se sentir bem.

Após descrever seus namoros e sua maior paixão atual, D. encerra sua autobiografia falando do prazer que tem em estar com amigos. Escreve, finalizando:

“Tenho muitos amigos e gosto muitos deles, eu confio em muita gente, sou do tipo que todos sabem tudo. Tenho uma amiga em especial, que além de amiga é uma mãe, uma irmã, que puxa minhas orelhas quando é necessário, é bom isto. Ela é quem muitas vezes me motiva a fazer as coisas, eu confesso que apesar de dizer que quero tudo sou um pouco preguiçosa, preciso de uns cutucões.”

Pp29: Para D. confiar é mostrar tudo.

Pp30: D. busca na amiga orientação.

Pp31 D. propõe que uma mãe deve saber puxar as orelhas.

Pp32: Para D. os amigos funcionam como motivação para enfrentar seus medos.

3.2.2 Síntese da análise do caso D.

Fazendo uma análise da autobiografia de D., bem como de seu estilo de escrita, podemos dizer que D. é uma adolescente que tem facilidade de falar de si. Passa grande parte de sua autobiografia descrevendo como se percebe e como sente o que lhe acontece. Envolvida que está com a própria sexualidade, seus relacionamentos com os rapazes ocupa grande espaço em seu texto. Parece ter o casamento como um ideal a ser atingido, estando cheia de medos com relação ao futuro e às mudanças que ele traz. Preza por sua liberdade e afirma, reiteradamente, que quer viver a vida intensamente.

Do início ao final de sua autobiografia, D. faz um movimento interessante no sentido de que principia definindo-se como agitada e cheia de vida, porém, depois de falar de si termina por revelar que precisa que as outras pessoas lhe impulsionem, que se sente insegura e preguiçosa.

A análise do pressuposto revela que, *com relação a seus pais*, D sente que há muitas diferenças entre sua geração e a de seus pais (Pp1, Pp3, Pp5). Essas diferenças surgem de forma queixosa, pois D, coloca que os pais não acompanham seu ritmo e não compreendem a forma como vive a sua vida.

Sobre sua infância D. traz pouco, comentando, somente, que a educação que seus pais lhe deram não permitiu o contato com outras crianças, como gostaria (Pp12), justificando, assim, para si mesma, a necessidade de comunicação que traz consigo. D não está confortável com a posição que tem dentro da família, sentindo que os pais gostariam que fosse diferente (Pp8 e Pp9). Para D. seus pais não viveram o suficiente a própria adolescência, e, portanto, não a compreendem (Pp5).

D. cita ligeiramente a irmã, e não se dedica a descrever a relação com os pais de forma pormenorizada. Está mais preocupada com seus relacionamentos afetivos. Tem necessidade de estar envolvida afetivamente e precisa casar-se (Pp10, Pp11 e Pp25). Por outro lado, quer para o futuro independência e liberdade (Pp23). Entretanto, define-se como uma adolescente, não sentindo-se mulher (Pp7).

A seqüência de associações de D. nos permite pensar que a questão dela com o casamento tem relação com o fato de sentir-se a diferente da família (Pp9 e Pp11). D. preocupa-se com os outros, mas precisa auto afirmar-se (Pp23).

Sobre si mesma, D. nos revela que se sente com muitos medos e que, por causa deles precisa estar em constante movimento (Pp13 e Pp15). Sua fala deixa implícito que a necessidade de aproveitar tudo que a vida oferece (Pp24) é uma reação à sua ansiedade diante do que está por vir.

D. tem receios de que escolher uma profissão traga implicações, como a perda da liberdade (Pp19) e a possibilidade de não conseguir o que quer (Pp18).

Suas inquietações estão voltadas para os relacionamentos amorosos, apresentando premência em encontrar um amor (Pp10 e Pp25). Atribui sua dificuldade ao fato de mostrar o que quer (Pp26). D. manifesta necessidade de estar entre amigos, deixando implícito que espera que os outros lhe digam o que deve fazer, bem como o que não deve (Pp30).

Oscila em preocupar-se ou não com os que os outros pensam (Pp22), afirmando que quer fazer o que quer e ser independente (Pp25), mas que precisa da motivação de amigos para enfrentar seus medos e sua timidez, que ainda estão presentes (Pp32 e Pp16)

3.2.3 Comentários

A partir de nossa análise, podemos conjecturar que D. está preocupada com sua sexualidade, estando insatisfeita com seus relacionamentos amorosos. D. não traz sua infância como destaque, tampouco tem na relação com seus pais o centro de suas preocupações. Sobre eles apresenta uma queixa à dificuldade de pensarem de forma semelhante a ele. Não há, é importante analisar, diferença entre os pais da infância e os da atualidade. D. parece estar mais voltada para o seu desejo de tornar-se mulher.

D. está empenhada em aproveitar da melhor forma o que a vida lhe oferece, mantendo com os pais uma relação sem idealizações e sem grandes rupturas. Sua relação com os amigos é forte, embora revele uma necessidade de que a auxiliem a decidir e pensar. Há angústia com relação ao futuro e aos seus planos, o que denota

que D. está vivendo sua adolescência como uma passagem, vive o momento adolescência com seus prazeres e seus dissabores.

D. procura aplacar seus medos e ansiedades através do movimento e da agitação. Dessa forma, evita o pensamento reflexivo e exploratório, que são substituídos pela ação ou pela opinião de amigos.

D. projeta-se no futuro, estando em seus planos a independência financeira e a possibilidade de ter filhos. Está preocupada com sua relação com o sexo oposto, tendo o casamento como um ideal. Entretanto, critica seus pais por terem eles se casado tão cedo. O casamento é um valor que traz de sua família, por quem procura não ser influenciada, mas que lhe serve como referência.

D. procura manter sua identidade, mas está insegura quanto à capacidade de realizar-se.

3.3 CASO J. (17anos)

3.3.1 Análise

3.3.1.1 Como se refere aos pais

J. é um adolescente que não fala muito de seus pais em sua autobiografia. Prefere falar de si mesmo, principalmente sobre o seu desempenho escolar. É no primeiro parágrafo que J. faz referência ao seu pai. Essa referência ocorre após uma breve apresentação que J. faz de seus irmãos. Todos eles são descritos pela sua escolaridade. J. é o filho caçula, tendo um irmão e três irmãs. É logo após falar sobre suas irmãs (*todas*, segundo ele, com segundo grau completo), que J. fala declara:

“Meu pai, não sei porque, não quis que eu ingressasse direto na primeira série e colocou-me no jardim da infância aos cinco anos. Estudei todas as séries em escolas estaduais, fiquei em recuperação...”

Pp1: J. não entende a decisão do pai.

Pp2: J. queria entrar logo para a primeira série.

Pp3: J. associa que não entrou em uma série mais adiantada porque o pai não quis.

Pp4: J. não estudou em escolas particulares.

Pp5: J. não teve um bom rendimento escolar.

J. segue falando da sua vida escolar, suas matérias preferidas, sobre seu jeito de ser e, após afirmar que discute com alguém até que sua voz seja a última, faz nova referência aos pais:

“Meus pais dizem para mim fazer o que eu quero e gosto realmente, mas parece que nasci carimbado na testa para fazer medicina, coisas do tipo “vou fazer medicina porque eu gosto, sempre gostei, é um bom curso”. Mas não há realmente uma prova que afirme com precisão que eu goste deste maldito curso que me faz preocupar-me desde muito cedo, a única base que qualquer vestibulando é das matérias da aula e como gosto muito de biologia eu acho que ia me dar bem na medicina.”

Pp6: J. não se sente livre para escolher, apesar da aparente liberdade que os pais lhe dão.

Pp7: J. quer gostar de medicina.

Pp8: J. quer provas de que não irá errar na escolha de sua profissão.

Após essa referência, J. volta a falar em desempenho escolar, enaltecendo suas habilidades e preferências. É em seu penúltimo parágrafo que fala, novamente, dos pais, porém de forma indireta, ou seja, pressupomos, pela seqüência da associação, que o que fala J. é para seus pais:

“Meus irmãos são todos casados, moro com meu pais e com minha mãe, gosto de escutar qualquer pessoa, mas não agir quando acho que não devo como elas.”

Pp9: J. preocupa-se em agir por si mesmo.

Pp10: J. é o único filho que ainda não saiu de casa.

Após esse comentário, J. volta a falar mais de si mesmo e encerra sua autobiografia.

3.3.1.2 Como se refere a si mesmo

J. tem facilidade de falar de si, principalmente de suas habilidades e suas preferências. Inicia, logo no primeiro parágrafo, com a seguinte afirmação;

“Sempre que se tratar de escola e conhecimento, sou muito independente e competente, acho que qualquer coisa, seja qual for está abaixo do conhecimento e do estudo.”

Pp11: O estudo e conhecimento são provas de competência para J.

Pp12: J. se sente acima de qualquer coisa

Quanto a seu jeito de ser, afirma:

“Sou muito alegre, mas às vezes em certas circunstâncias sou muito nervoso. Não gostava muito de na escola ter que apresentar trabalhos, as vezes parecia que me dava um branco e eu não sabia mais nada, não sei se é timidez ou medo de falar alguma coisa errada. Levo as coisas muito a ponta de faca, quando quero dizer alguma coisa sou muito objetivo, acho que entrego o ouro muito rápido para o ladrão, não gosto de ter que dar explicações, dar uma introdução digamos em outras palavras para o que vou falar.”

Pp13: J. tem medo de não saber as coisas.

Pp14: J. tem medo de errar.

Pp15: J gostaria de ser diferente.

Pp16: J. quer que os outros lhe compreendam rapidamente.

E prossegue, definindo-se:

“Não gosto da minha voz, ela é muito abafada, parece que falo pra dentro quando quero falar para fora, acho que pareço um pouco gritão e em consequência disto parece que torno-me mais com os nervos a flor da pele e quando estou falando sempre me perguntam o que falei e tenho que repetir tudo de novo, odeio ter que fazer isto.”

Pp17: J está preocupado com sua voz.

Pp18: J. sente que os outros não o escutam.

Pp19: J. fica nervoso quando sente que não fala para fora.

Pp20: J precisa gritar para ser entendido.

Sobre sua relação com ou outros, diz:

“Dou muita importância para os outros, se tenho que fazer alguma coisa que seja importante para mim mas ao mesmo tempo prejudique alguém, é só eu ter a sensibilidade de que isto está acontecendo as vezes nem está, mas mesmo assim eu paro.”

Pp21: J. teme prejudicar as pessoas.

Pp22: Para J. a opinião dos outros é mais importante que a dele mesmo.

Após referir-se a sua opção por medicina, como mostramos acima, J. fala de suas habilidades e lazeres. Afirma:

“Adoro fazer experiências tenho ótima criatividade e habilidade. Gostaria mesmo era de fazer três faculdades para distribuir minhas qualidades em cada uma das profissões que escolhe-se. Quanto ao meu esportivo gosto mesmo é de futebol. Não sou muito ganhão não tenho e nunca tive namorada. Quanto à informática, acho muito interessante e bonita, mas envolve matemática, uma matéria que...”

Pp23: J. não consegue escolher por sentir-se cheio de qualidades

Pp24: Ter namorada está associado a ser ganhão

Nesse ponto, J. volta a falar de sua vida escolar, revelando sua irritação por ser o aluno que mais fazia perguntas. Sobre isso afirma;

“Porque é lógico, quem pergunta corre o risco de errar, e resolve o problema dos outros que não perguntaram e não correm risco. Estudei e acabei conseguindo um bom aproveitamento.

Adoro filmes que envolvam ciência, pensava em ser cientista, se tenho alguma coisa para fazer faço logo, não gosto de adiar nada.”

Pp25: J. sente-se injustiçado por arriscar-se mais, e portanto, expor-se mais do que os colegas em aula.

Pp26: Ter um bom rendimento é muito importante para J.

Encaminhando-se para o final de sua autobiografia, J. declara:

“Atualmente gosto de estar quieto, e escutar e observar muito o que os outros pensam e como pensam. Quanto aos meus pontos fracos acho que estou conseguindo superá-los. Sou muito sensato e acho que me preocupo demasiado com as coisas, odeio ter que depender das outras pessoas quando tenho alguma coisa para fazer. Gosto também de jogar botão.”

Pp27: J. tem procurado modelos identificatórios.

Pp28: Ser sensato é preocupar-se muito com as coisas e pessoas.

Pp29: J. procura ser independente dos outros.

Pp30: Falar de independência faz J. lembrar de jogar botão (jogo que só é possível com outro jogador).

Na última frase da autobiografia J, parece cometer um erro, permitindo um sentido duplo do seu dizer. Afirma:

“No momento o que eu me lembro, de como eu sou por enquanto é isso. Se escrevi demais, e coisas que *não* venham a ajudar no seu trabalho, fecho por aqui.”

Pp29: J. acha que escreveu demais

Pp30: J. sente escreveu coisas que não viriam a ajudar.

3.3.2 Síntese da análise do Caso J.

J. é o filho caçula de uma família de quatro irmãos. Tem um estilo de escrita bastante objetivo, e faz questão de deixar claro seus valores e seu jeito de ser. De modo geral, podemos afirmar que J. não fala de seu lado afetivo. A forma inicia as

apresentações revela que o grau de instrução de seus irmão é a característica que julgou mais importante. Ao citar sua família é conciso, falando, logo no início, do pai, mas em nenhum momento, da mãe ou de alguma relação afetiva mais intensa. Voltado que está par si mesmo, J. escreve uma autobiografia como um trabalho escolar.

De acordo com a análise dos pressupostos, temos que J. está muito preocupado com seu desempenho nos estudos. *Sobre sua referência aos pais*, não há, praticamente, referência direta alguma. O pai aparece como alguém que não permitiu que J. se adiantasse nos estudos, atitude não compreendida por J. (Pp2 e Pp3). Ele gostaria de ter estudado em escola particular e tido melhor rendimento (Pp4 e Pp5). A mãe não é citada.

Outra referência feita aos pais surge de forma genérica, quando coloca que não se sente livre para escolher seu futuro (Pp6 e Pp7), apesar da liberdade que os pais lhe dão. No final de sua autobiografia, J. revela que gosta de escutar o que lhe dizem seus pais, mas procura, e precisa, manter a sua opinião sobre as coisas (Pp9).

Sobre si mesmo, J. deixa claro que seu rendimento escolar é a prova de sua competência (Pp26); tem necessidade de deixar seu pensamento sempre claro, revelando medo de cometer erros e de não ser compreendido (Pp14 e Pp20). Suas inseguranças o deixam nervoso e seu contato com os outros é tenso (Pp25).

J. revela forte preocupação com o que pensam os outros (Pp22), mas mostra-se irritado quando tem que se expor (Pp16 e Pp19). Ainda nesse sentido, declara que depender dos outros é algo que não aceita, porém, precisa das pessoas (Pp27).

J. põe ênfase em suas habilidades e está muito preocupado com sua voz (Pp12 e Pp17); tem a sensação de que os outros não o entendem e que tem que gritar para ser ouvido (Pp18 e Pp19).

J. parece estar a procura de modelos (Pp27). Preocupa-se com as pessoas ao mesmo tempo que quer ser independente delas (Pp29 e Pp19). Apesar de sentir-se cheio de qualidades, não consegue fazer escolhas (Pp23) e não tem relacionamentos amorosos, estando esses aspectos associados com virilidade (Pp24).

Preocupado que é com o que os outros pensam, J revela, no final de sua autobiografia, que escreveu demais, mas que coisas que, talvez, não fossem as mais importantes (Pp29 e Pp30).

3.3.3 Comentários

J. nos mostra, em sua autobiografia, que há uma preocupação forte com seu rendimento escolar, e que este está desempenhando uma poderosa função na forma como J relaciona-se com o mundo. Suas habilidades e qualidades estão em evidência, tendo J. que se mostrar independente e competente.

Ao definir-se, apresenta algumas imprecisões, oscilando entre o que deseja, e seu jeito impositivo de ser ou corresponder ao que esperam dele. A referência que faz ao pai no início de sua autobiografia põe em evidência que J. se questiona do porquê o pai não apostou nele, porque não se preocupou com seu rendimento escolar. Na verdade, J. está à procura do reconhecimento paterno.

Seu questionamento acerca de sua voz nos parece ilustrativo o suficiente para pensarmos que J. está preocupado com sua virilidade. Sua necessidade de mostrar sua inteligência pode estar escamoteando suas dificuldades em desenvolver a própria sexualidade.

J. não se mostra muito introspectivo em sua escrita, não nos revela nada sobre sua infância e nem sobre seu relacionamento familiar. Sua fala final, onde afirma ter escrito coisas que não viriam a auxiliar, deixa explícito que manteve sua privacidade intacta. Detém-se, então, no que, provavelmente, supõe que seria importante para o processo de Orientação Vocacional, ou seja, suas potencialidades intelectuais e a intensidade com que deseja a independência.

Contudo, a partir de nossa análise, podemos inferir que J. vive o momento de forma angustiada, preocupado que está em ser bom e ao mesmo tempo não perder sua individualidade. Sua vontade de “se dar bem” o faz pensar num curso em que seria reconhecido. Ao buscar auxílio, entretanto, J. mostra-se ciente de que seu desejo pode caminhar em outra direção. J. está inseguro e com muito medo de errar. Está vivendo a adolescência com tensão, pois precisa provar que é bom.

Apesar da necessidade de mostrar-se independente, J. quer que algo lhe dê uma resposta precisa quanto ao seu futuro, alvo de suas preocupações.

3.4 - CASO P.

3.4.1 Análise

3.4.1.1 Como se refere aos pais

P. escreve uma autobiografia curta, porém bastante introspectiva. Principia falando sua idade e sua posição na estrutura familiar. É a filha caçula e declara estar muito desiludida com o casamento do irmão mais velho. A referência que faz aos pais, nesse primeiro momento, ocorre de forma indireta, ou seja, P. fala de seus sentimentos para com o irmão, que funcionava como pai antes de se casar. Tomaremos, então, esse primeiro trecho autobiográfico como dizendo respeito à função desempenhada pelo irmão, importante para nossa análise posterior. Diz P.

"Bem, possuo três irmãos mais velhos, sendo que o maior é casado. Eu acho que foi quando ele conheceu a sua mulher que eu e meus irmãos tivemos a nossa primeira desilusão, pois ele era como um pai para nós, um ídolo que estava sempre do nosso lado, quando algo estava errado. E, atualmente ele quase não nos visita e só liga quando está longe da esposa. Mas já me acostumei."

Pp1 : P. sente-se desiludida com relação ao irmão, que foi viver sua vida.

Pp2 : Para P. o irmão ocupou o espaço do pai.

Pp3: É a esposa do irmão que a afastou do pai substituto.

Pp4: P. precisa de um pai mais ao seu lado.

Após esse parágrafo de abertura, P. dedica o parágrafo seguinte para sua relação com o grupo de iguais. E, logo depois, que se refere diretamente a seus pais, afirmando:

"Na minha família também tenho alguns problemas. Meu pai não demonstra um carinho por mim, só diz estar preocupado com meu futuro, falando só de vestibular".

Pp5 : P. sente-se cheia de problemas, na família e fora dela.

Pp6: P gostaria que o pai fosse mais carinhoso.

Pp7: A preocupação do pai com seu futuro não agrada P.

Pp8: P gostaria que o pai conversasse com ela outros assuntos que não o vestibular.

Sobre sua mãe, nesse mesmo parágrafo, afirma:

"Minha mãe parece estar mais fria comigo, quando chego em casa ela só fala o necessário, eu acho que isto ocorre, pois ela pensava que eu ia ser igual a Silvia, minha irmã que morreu antes de eu nascer, a qual era muito apegada a minha mãe."

Pp9: P. já sentiu a mãe mais próxima.

Pp10: P. associa a frieza da mãe com sua diferença em relação à irmã morta.

Pp11: P. sente que não é apegada a mãe.

Pp12: P. sente que deveria substituir a irmã morta.

Pp13: P. gostaria que a mãe conversasse mais com ela.

Pp14: P. entende que a mãe era mais apegada à irmã morta do que a ela.

Após este parágrafo, P. encerra sua autobiografia. Fala-nos de sua solidão e tristeza. Voltaremos ao meio de sua autobiografia para darmos prosseguimento à nossa análise.

3.4.1.2 Como se refere a si mesmo

P. praticamente não fala de suas características e de como se percebe. Detém-se mais em suas decepções, do que sentiu acerca do casamento do seu irmão e na sua relação com as amigas. Diz:

"Estudei no Porém não gostei muito, pois havia muita panela e me sentia muito discriminada

Pp15: P. sentia que deveria gostar de seu colégio.

Pp16: P. sentiu-se excluída no grupo.

Pp17: P. sente-se diferente das demais colegas.

Em seguida, P. passa a falar de que, apesar de seu desgosto, encontrou duas amigas, com as quais estava sempre "grudada". A mais próxima, entretanto, fica doente, conta P., e elas se afastam.

É importante demarcar, aqui, a forma como P. se refere à amiga, principalmente por um apagamento que comete. Esse somente é percebido no original da autobiografia de P., que fora escrita à lápis. Dessa forma, foi possível ver um o apagamento que realizou quando escreveu o que pensava. Assim, temos em seu texto:

" Eu e a L. éramos “grudadas” e queríamos continuar sendo colegas. Contudo, ela começou a entrar em depressão, a ter vários problemas e a emagrecer, eu tentava ajudar de todas as maneiras. Porém, depois que ela foi internada (estava com anorexia) ela mudou muito. Eu conversava com ela e era como se eu *não*¹² estivesse falando com uma estranha, ficou uma pessoa fria, implicante e me tratava muito mal."

Pp18: P. tem necessidade de estar grudada com quem gosta.

Pp19: P tentou entender a amiga, porém sentiu-se maltratada.

Pp20: P. também estava deprimida.

Pp21: A frieza e implicância da amiga não era algo estranho para P.

P. revela que, devido à forma como a amiga lhe tratou, distanciou-se. Acrescenta, entretanto, que isso se deu porque magoou-se muito ao perceber que a amiga a tratava como concorrente no vestibular. Escreve:

“Ela era como uma irmã para mim. Agora, apesar de ter muitos amigos me sinto só e com saudade do tempo em que nós nos divertíamos muito.”

Pp22: A ausência da amiga deixou um espaço que P. não consegue preencher com outros amigos

Pp23: P. quer voltar ao passado.

É após escrever o trecho acima comentado que P. fala de seus pais, também fazendo referência, como vimos acima, à forma como sente-se pouco atendida. E encerra sua autobiografia dizendo:

¹² Esta palavra está apagada no original, mantivemos sua escrita por entendermos ser uma produção inconsciente de P., denunciando um outro sentido para seu dizer.

“Desta forma, eu me sinto cada vez mais só. Agora só me resta é estudar para o vestibular, que até que não é tão ruim, pois assim esqueço meus problemas por um tempo. Contudo, não me sinto segura e tenho a impressão de que nada dá certo, até porque quando páro para pensar no que há de bom na minha vida eu não encontro resposta alguma.”

Pp24: A solidão de P. tem aumentado.

Pp25: P quer esquecer seus problemas.

Pp26: P. está insegura quanto a sua capacidade de enfrentar a vida.

Pp27: P. está à procura de respostas.

3.4.2 Síntese da análise do caso P.

P. é a filha caçula de uma família de seis pessoas, sendo que todos os irmãos mais velhos são homens. A seqüência de suas associações revela que P. está envolvida com suas desilusões. Suas tristezas falam do afastamento de pessoas queridas, que P. associa com abandono e mágoa. Na família também sente-se pouco amada, e encontra nos estudos uma forma de distração. P. revela-se em busca de respostas sobre seu sofrimento e declara se sentir só e muito triste.

A análise dos pressupostos revela alguns pontos importantes. **Com relação aos pais**, P. revela que procurou na figura do irmão mais velho a proximidade que não encontra com o pai (Pp2). Para P. o pai é pouco carinhoso (Pp6) e não conversa com ela assuntos de seu interesse (Pp7). Assim como o pai, a mãe também é sentida por P. como distante (Pp4, Pp9), estando na raiz de seus sentimentos a certeza de que a mãe tem preferência pela sua irmã morta (Pp4 e Pp9). P também queixa-se de que a mãe poderia conversar mais com ela (Pp12).

Quando fala de si mesmo P. traz que também com as amigas sente-se discriminada e excluída. Seus sentimentos incluem a sensação de que a mãe não tem por ela tanto apreço como tinha pela irmã (Pp10). Assim, o sentimento de exclusão se dá em relação às amigas (Pp16); em relação ao irmão, que se casou (Pp3); e à mãe, que prefere a irmã (Pp14).

Por outro lado, P. afirma que a irmã era mais apegada à mãe do que ela (Pp11), e seu erro revela que também se torna implicante e fria (Pp21) quando não

pode estar grudada (Pp18).

A relação de P. com as pessoas que gosta deve ser de muita proximidade (Pp4, Pp9 e Pp16), caso contrário, tende a achar-se abandonada e deprimida (Pp1 e Pp20). P. traz sentimentos de que o presente lhe é muito difícil, deixando implícito sua vontade de retornar ao passado (Pp20).

P. revela que se sente insegura quanto a sua capacidade de lidar com os problemas (Pp21, Pp22 e Pp23).

3.4.3 Comentários

P. não está muito aberta para coisas novas. Vive o presente como cheio de perdas e tem saudade do passado. Seus pais aparecem como faltantes, e P. encontra na irmã morta da irmã a legitimação de seus sentimentos de exclusão. Os afastamentos que acontecem em sua vida são tomados como abandonos. O passado está à sombra do que está vivendo na atualidade. Os pais são tomados como pouco atenciosos e os irmãos como indiferentes.

O momento pelo qual P. está passando está carente de sentido. Encontra-se envolvida em suas perdas, sentindo-se abandonada e excluída. A relação dela com a mãe está atravessada pela morte da irmã. O afastamento da amiga fez retornar lutos anteriores, colocando P. frente a um apelo afetivo que parece não encontrar ressonância. Sua adolescência está sendo sentida como sinônimo de solidão e de perdas.

Entretanto, P., apesar de se colocar como vítima de suas circunstâncias, deixa implícito que também tem dificuldades em relacionar-se, apresentando-se, muitas vezes, distante e fria com quem não corresponde à altura de suas expectativas. Atribui a terceiros o afastamento de seus amores (à mãe, à irmã, a doença da amiga, a esposa do irmão).

Envolvida que está P. com suas perdas, não há espaço para projetar-se além do seu tempo. Há uma tentativa de encontrar nos estudos um alívio para seu sofrimento, mas P. encontra-se tomada por sua tristeza; está voltada para aquilo que não tem, não sentindo-se motivada a crescer.

3.5 CASO T. (17anos)

3.5.1 Análise

3.5.1.1 Como se refere aos pais

T. não se refere muito diretamente aos pais, em sua autobiografia. Faz algumas referências diretas, como quando se apresenta, logo no início de seu texto. É somente mais perto do final que faz nova referência à mãe, mas não fala mais de seu pai. Dedicar grande espaço para suas aventuras quando criança e seus sentimentos com relação às situações que enfrentou. É importante marcar que T. não faz parágrafo em seu texto, dando a entender que escreveu conforme o curso de suas associações, sem preocupar-se com regras formais.

No início, a forma como T. apresenta seus pais chama a atenção, principalmente pelo tratamento impessoal que lhes dá. Diz T:

“Sou filha única, filha de pai empresário e mãe..... que trabalha no comércio. Nasci em ..., onde morei os sete primeiros anos de minha vida em uma vila. Não me lembro direito como era minha vida lá. Só lembro que tinha um cachorro que era meu melhor amigo e irmão.”

Pp1: A profissão é o que apresenta dos pais.

Pp2: T encontrou no cachorro a companhia que procurava.

Pp3: A única lembrança da infância de T. está concentrada no seu cachorro.

Pp4: T. não tinha pessoas com quem se relacionar na infância.

Após falar sobre o cão, prossegue T.

“Quem me criou até os sete anos foi minha avó, talvez porque minha mãe estivesse mais preocupada em crescer profissionalmente.”

Pp5: T. se ressentiu de não ter sido criada pela mãe.

Pp6: T sente que o trabalho foi, para a mãe, mais importante do que ela.

Depois disso, as associações de T. são voltadas para a sua infância, a descrição de suas habilidades e lazeres. Próximo ao final é que T faz referência à mãe. Diz:

“Não gosto de perder nem mesmo em pequenas competições. Quando minha mãe me proíbe de ir ao escotismo eu vou escondida, mas não deixo de ir.”

Pp7: T. entra em competição com a mãe.

Pp8: Acolher a ordem da mãe seria, para T, perder para ela.

Após esse trecho, T. fala dos seus esforços em sair da rotina, como veremos no final da análise seguinte.

3.5.1.2 Como se refere a si mesmo

T. revela-se de forma límpida e sem rodeios. Entre alguns episódios de sua infância que nos conta, T nos comunica como se vê e enaltece características como a rebeldia e a necessidade de desafios.

Eis alguns recortes que selecionamos como reveladores, principalmente pela seqüência de idéias de T. ao falar sobre a infância:

“Pulava muros para matar aula, subia em árvores porque não podia, etc. Tinha tantos amigos como inimigos. Brincávamos de jogar pedras uns nos outros e batia numa menina da minha idade porque ela era fresca e não me emprestava seus brinquedos. Não sei porque estou escrevendo estes detalhes, mas eles não saem da minha cabeça.”

Pp9: T precisa desafiar os seus limites.

Pp10: T. precisa se mostrar valente.

Pp11: T. batia, brigava com quem dela divergisse.

Pp12: T não compreende a razão de seus atos.

Em seguida, diz:

“Minhas brincadeiras eram sempre as que eu podia me exhibir. Subia em árvores, ficava de cabeça para baixo. Tinha uma árvore que eu vivia me escondendo e só deixava entrar quem eu quisesse, ainda mais porque era difícil subir.

Pp13: T. precisava ser olhada, exibir-se.

Pp14: T. precisava esconder-se.

Pp15:T. precisava de desafios.

T. não faz referência a alguma relação afetiva mais intensa, senão com seu cachorro. Afirma:

“Lembro que tinha um cachorro que era meu melhor amigo e irmão. Talvez seja exagero mas com este pastor alemão eu brincava e aprontava, dormia dentro da casinha com ele, pedia (e ele cumpria) para ele morder a empregada quando ela queria me obrigar a comer e outros que não gostava”

Pp16: T. Sentia falta de companhias (de irmão e de amigos).

Pp17: O cachorro representava para T uma forma de receber e dar carinho.

Pp18: O cão a auxiliava a defender-se e agredir quem não gostava.

Pp19: T. Fica muito braba em cumprir ordens e fazer o que não quer.

Quando fala de sua vida escolar, diz:

“Quando fui para o colégio fiz grandes amigos, e aí não aprontava tanto. Neste período eu não era nem tímida nem das mais extrovertidas.”

Pp20: Os amigos exercem função importante para T., de forma que não precise mais exibir-se.

Ao falar sobre este seus amigos, T. revela como relaciona-se com os outros.

Escreve:

“Encontrei na escola um grupo de amigas. Era um grupo de seis gurias muito ‘felizes’ . No último ano me colocaram em uma turma diferente das minhas amigas mais íntimas. Me fechei mais esse ano na escola. Briguei com uma guria porque ela era a chefe da turma e discuti com um professor cuja razão ela não tinha. Ela ficou furiosa e o grupinho dela me ameaçava, não tive medo eram só palavras.”

Pp21: Sem o grupo de amigas, T. fecha-se.

Pp22: Quando se sente só, T. briga.

Pp23: T. não pode sentir medo.

Ainda sobre sua relação com amigas, afirma:

“Saí do colégio e foi o pior ano da minha vida. Me fechei completamente e descobri que todas as gurias eram falsas e cínicas. Como era tímida queria bater em todas como não podia aprontava em silêncio e ficava rindo quando o fogo pegava me sentia vingada.”

Pp24: As amigas são muito importantes para T sentir-se feliz.

Pp25: T. sentia que não podia confiar em ninguém.

Pp26: T reage à tristeza agredindo.

Pp27: T sente-se tímida.

Pp28: T precisa sentir-se ativa, vingada

Em seguida, T. entra para o escotismo, quando tem, novamente, coisas boas para contar:

“Conheci um pessoal super pra cima e não desgrudava mais. Se fosse falar do escotismo escreveria um livro, mas os detalhes que me marcaram mais foram aventuras e desafios. As gurias reclamam que quero fazer tudo sozinha nas competições de patrulha, acho que é verdade. Talvez a sensação de quando a chefe diga que nossa patrulha foi muito boa e eu fui a melhor nela é muito boa.”

Pp29: T. gruda-se num grupo quando sente-se bem

Pp30: T. compete com as gurias

Pp31: Precisa ser reconhecida como a melhor pela chefe

E prossegue:

“Sou no grupo a mais corajosa das gurias e talvez a mais corajosa comparada aos guris. Gosto de ser a primeira a subir e descer morros, perde a graça quando alguém já fez isso. Não gosto de perder nem mesmo nessas pequenas competições de sábado.”

Pp32: A rivalidade é necessária para que se sinta superior

Pp33: T. não pode perder.

Pp34: T. se sente superior até aos gurus.

Apesar de suas aventuras empolgadas, T, ao final de sua autobiografia, mostra-nos que sua vida de aventuras tem um outro lado. Declara T.:

“Fora o escotismo, tenho aula, cursinho e a maratona. De tarde, ao invés de estudar eu durmo. Tento não fazer de minha vida uma rotina, invento coisas diferentes, mas não é como eu queria. Escrevi apenas detalhes por ter minha vida uma rotina normal. Como filha única me tranco no quarto e fico sem ter o que fazer, não gosto disto mas não tenho opções.”

Pp35: T. não vê razões para estudar.

Pp36: T. sofre porque sente que sua vida é um rotina.

Pp37: Dormir é uma forma de não sofrer por sentir que sua vida é uma rotina.

Pp38: T associa sua vida monótona ao fato de ser filha única.

Pp39: T tranca-se no quarto porque sente que não tem outra opção.

3.5.2 Síntese da análise do caso T.

As associações de T. revelam que está bastante preocupada em mostrar-se valente e poderosa. Apresenta forte necessidade de estar em evidência e de sentir-se a melhor de todos. Quando frustrada, briga, buscando ultrapassar os limites que lhe são dados.

De acordo com a análise dos pressupostos por nós levantados, temos que, *em relação aos pais*, T. está afastada deles. Sua única referência aos pais é feita no início e de forma sucinta (Pp1). A mãe surge mais em evidência e de forma ressentida (Pp5), uma vez que surge como preocupada mais com o trabalho (Pp6).

Embora refira que tenha sido criada pela avó, T. não lhe dedica espaço em sua autobiografia. Ainda com relação aos pais, T. apresenta uma queixa velada quanto à falta de companhia (Pp4, Pp17, Pp22 e Pp25). Parece haver uma competição de T. com a mãe (Pp7), que lhe impõe limites; que não são aceitos.

A competição é uma característica que aparece bastante, principalmente *quando T. fala de si*. Desde a infância T. procura mostrar-se valente e desafiante (Pp9, Pp10 e Pp15). A agressão física e as brigas são a forma como T. encontrou

para lidar com o que, ou quem, não gosta (Pp11 e Pp16). Precisa estar em evidência como a melhor e a mais forte (Pp21 e Pp31). É com o cachorro que T. se relaciona mais intimamente (Pp2, Pp17 e Pp18), estando centrada nele as lembranças prazerosas de sua infância (Pp3).

A competição também é uma característica que surge na relação de T. com suas amigas (Pp28). Quando se sente bem recebida, gruda (Pp29), mas, se está só, fica fechada (Pp24) ou escondida (Pp14); tende a brigar para mostrar-se poderosa (Pp20). A rivalidade que T. apresenta é uma forma de sentir-se superior (Pp32). P. não pode sentir que perdeu (Pp10 e Pp28) e, apesar de sentir-se tímida (Pp27), procura agir e vingar-se quando abalada ou triste (Pp28)

T. manifesta necessidade de ser reconhecida por alguém como a melhor (Pp31). Atualmente, sente-se triste com a vida rotineira que leva (Pp36), e em casa dorme para enfrentar sua solidão (Pp37). Sente falta de carinho (Pp17) e associa seu sofrimento com o fato de ser filha única (Pp38).

3.5.3 Comentários

T. dedica boa parte de sua autobiografia ao seu passado. De sua infância, traz lembranças de atos corajosos e desafiantes. A relação com os pais, conforme suas parcas referências, foi distante, sendo criada pela avó, para quem também não dedica espaço para escrever. O fato de ser filha única aparece como justificativa para seus sentimentos.

Os adultos, ao que parece, sempre foram sentidos como inimigos em potencial, de quem T. sempre precisa defender-se. Tem dificuldade em confiar nas pessoas, mantendo-se à distância. Essa idéia fica mais clara quando, no início de seu texto autobiográfico, fala-nos de seu cachorro. É com ele que T. manifesta seu lado afetivo e que merece espaço em sua escrita.

O tempo presente, a adolescência é, para T., uma continuação de sua infância. A necessidade de aventuras surge com a mesma intensidade que exibiu quando criança. Quando não está sob esta condição, sente-se entediada. Sua fala, no final de sua autobiografia, revela o esforço que faz para sair de sua rotina, que é ficar só, trancada num quarto.

Suas relações afetivas são marcadas pela rivalidade, e seus relacionamentos amorosos não aparecem em sua narrativa. No escotismo encontra uma forma de relacionar-se com o mundo, sempre de forma desafiante.

Durante o processo de Orientação Vocacional, período em que esta autobiografia foi escrita, T. manifestava constante desejo de lutar pelas matas brasileiras e afirmava, contentemente, que precisava estar em contato com a natureza e com os animais. A defesa da ecologia era sua causa e pretendia encontrar nela uma forma de dar prosseguimento à sua vida de aventuras.

3.6. CASO K.

3.6.1 Análise

3.6.1.1 Como se refere aos pais

K. é um adolescente que escreve uma autobiografia bastante curta, mas bem demonstrativa. Já no início, na sua apresentação, a referência aos pais surge, sendo mais especificamente feita à mãe. Diz K:

“Tenho dezoito anos e moro com a minha mãe, que a muito tem sido minha única família, pois quando eu tinha apenas três anos, meus pais se separaram e desde então minha mãe tem feito de tudo para garantir o meu futuro.”

Pp1: a mãe de K faz tudo por ele.

Pp2: O pai de K. não está próximo do filho.

Pp3: K. era muito novo quando os pais se separaram.

Pp4: O pai de K. não se preocupou com o futuro do filho.

Após falar sobre sua infância, seus sonhos e as pressões que sofre para ser bom, K., no último parágrafo de sua autobiografia, volta a falar de seus pais.

Diz ele:

“Agora, véspera de vestibular, pensei que novamente teria de agüentar aquela pressão, mas acho que agora as coisas mudaram, pois minha mãe me dá o maior apoio, mas não cobra nada. Meu pai quase nunca está

presente em minha vida, é por isso que neste vestibular, vou tranquilo sem levar responsabilidade nenhuma de passar, mas vou levar meu objetivo junto, que é o de vencer.”

Pp5: A mãe antes cobrava.

Pp6: K. não está tranquilo, pois precisa vencer.

Pp7: K associa o vestibular e a pressão de vencer com a indiferença do pai.

3.6.1.2 Como se refere a si mesmo

K. revela alguns dados sobre si mesmo, dividindo cada parágrafo de sua autobiografia numa fase de sua vida. Sobre sua personalidade, declara:

“Acho que a separação deles não afetou minha personalidade e esta tem se mostrado muito forte, pois nunca deixei nada, nem ninguém me influenciar.”

Pp8: K. precisa dizer que é forte.

Pp9: Para K ter personalidade é não se deixar influenciar.

Pp10: K. ainda está afetado com a separação dos pais.

Sobre sua infância, faz uma curta referência:

“Quando criança algo diferente surgiu em mim, pois não sentia vontade de brincar com outras crianças. O que eu gostava realmente era participar das conversas de pessoas mais velhas e estas no princípio me repreendiam, mas com o tempo e muita insistência, adquiri um certo respeito dos adultos que me cercavam.”

Pp11: K. não viveu sua infância com outras crianças.

Pp12: K. não era respeitado pelos adultos que o cercavam.

Pp13: K. tinha necessidade de estar entre os adultos.

“Muitas vezes fui tratado como criança, mas o tempo foi passando e eu adquiri muitas responsabilidades “deixei” de ser criança.”

Pp14: K não sabe se deixou de ser criança.

Pp15: Para K. ter responsabilidades é ser adulto.

E prossegue:

“Toda a criança tem um sonho, e apesar de tudo eu era uma e também cultivava um. A partir do momento em que comecei a pensar o que seria o meu futuro logo pensei em ganhar dinheiro. Mas essa idéia não correspondia muito com o meu sonho, que era um grande piloto, um sonho que cultivei por muito tempo, mas com o passar do tempo muitos obstáculos surgiram e eu acabei desistindo deste mesmo.”

Pp16: O desejo de ganhar dinheiro é incompatível com seu sonho de ser piloto.

Pp17: K quer ser grande e ter muito.

Pp18: Para K. ser piloto é não ganhar muito.

O parágrafo seguinte é o penúltimo e está dedicado ao seu rendimento escolar. Diz K.

“Nos primeiros anos frequentei a escola, me saí muitíssimo bem, o que acarretou uma grande expectativa das pessoas que me cercavam, no princípio fiquei com muito medo desta pressão que faziam em torno de mim, dizendo que meu futuro seria promissor. Ainda bem que isto em nada me afetou e *não* precisei fazer muito esforço para terminar meu curso.”

Pp19: K. sentiu-se pressionado a ser grande.

Pp20: K. tem medo de não corresponder pelo que esperam dele.

Pp21: K. tem necessidade de dizer que não foi afetado pelas pressões.

3.6.2 Síntese da análise do caso K.

K. apresenta uma autobiografia sintética e com contradições. A seqüência de suas associações vão desde sua infância até o momento pelo qual passa. Em todas as suas fases, exibe uma necessidade de mostrar-se forte e destemido. Sua escrita está centrada em mostrar sua forte relação com a mãe e sua preocupação em ser grande e em ter muito dinheiro (Pp17).

A análise dos pressupostos por nós levantados nos mostra que há algumas contradições presentes na fala de K. *Com relação aos pais*, no início, K nos fala que sua mãe preocupou-se em lhe dar tudo enquanto o pai esteve distante (Pp1 e Pp2). Apesar de suas afirmações contrárias, temos que K. ainda está afetado pela separação dos pais (Pp10), ressentindo-se do fato de que o pai não se preocupou com seu futuro (Pp4).

Em vista disto, K. está pressionado a ser forte (Pp8) e que tem que ser um vencedor, não podendo se deixar influenciar por nada (Pp6 e Pp7).

Ao falar de si, remete-se a sua infância, e evidencia o quanto teve que provar que é forte, não se permitindo ser criança (Pp11). Apesar da necessidade de estar entre adultos (Pp13), ainda não sabe se deixou de ser uma delas (Pp14).

A necessidade de ser um vencedor trouxe a K. a idéia de que seu sonho de ser piloto é incompatível com sua necessidade de ganhar dinheiro (Pp16). K. entende que só será respeitado se for como os adultos (Pp12), ter responsabilidade (Pp15) e ganhar muito (Pp18). Apesar de se dizer tranquilo, K. sofre pressões em ser bom; revela ter de ser grande (Pp19).

Uma referência à ausência do pai, no final da autobiografia, associada à necessidade de ser vencedor e de se mostrar tranquilo, revela o quanto K. está preocupado em manter a sua imagem e não ser afetado por pressões (Pp21). Apesar de estar com medo de não corresponder ao que esperam dele (Pp18). K. esforça-se para se dizer livre de pressões e sem responsabilidades.

3.6.3 Comentários

Em todos os parágrafos da autobiografia de K. está presente a necessidade que ele tem mostrar-se forte diante da ausência do pai. Em toda a seqüência de suas associações está presente o empenho em mostrar-se superior às dificuldades que enfrenta.

K. não pôde ser criança, associando o ser adulto com o respeito e o não-sofrimento. A mãe surge como quem lhe dá tudo. A falta do pai tem que ser compensada pela busca do sucesso e da vitória.

Dentro desta perspectiva, podemos dizer que a autobiografia de K. está marcada pelo uso da negação: não está tranquilo, como diz, nem tampouco livre de

cobranças. Seu presente está permeado pela responsabilidade em ser grande e em ganhar muito dinheiro.

K. precisa vencer porque se sente pressionado a vencer e supõe que assim será reconhecido por sua força. K. supõe que ser adulto está ligado ao sucesso e responsabilidade e está vivendo sua adolescência como uma fase em que deve se mostrar superior.

Sua infância foi marcada por essa característica, estando K. envolto em suas próprias cobranças. Assim, o lazer, os amigos e os relacionamentos afetivos não ganharam espaço em sua escrita. O futuro se apresenta como um desafio a sua capacidade de superar os limites.

CAPÍTULO 4

DISCUSSÃO

Nosso interesse, neste capítulo, é apresentar e discutir o lugar que as figuras parentais vêm ocupar no discurso do adolescente, para posterior relação entre este lugar e o processo de escolha de uma profissão.

Vimos, pelo presente estudo, que um texto autobiográfico revela muitos ângulos do processo de subjetivação. Para nós, a retirada da infância representa o suporte para a construção de uma identidade, quando o adolescente parte em busca de um novo olhar que venha preencher a falta que se impõe pela saída da infância. O processo da adolescência impõe ao sujeito a queda dos ideais parentais, substituídos pela inserção na sociedade (Meira, 1997).

Acreditamos que foi possível encontrar, nos enunciados dos sujeitos, dizeres que denunciam como esse momento de ruptura é vivido. Nosso interesse, queremos esclarecer, não é, então, o estudo da personalidade ou da psicopatologia que o caso apresenta, mas fazer uma leitura acerca do processo pelo qual o adolescente passa na construção de sua identidade.

Nossa hipótese, de que a escolha de uma profissão é um dos resultados do movimento que o adolescente faz em busca de reconhecimento e se relaciona com a forma como o luto pelos pais ideais é elaborado, foi elaborada a partir dos textos autobiográficos.

Tomamos o cuidado de formular idéias e inferências sobre o que e como se caracteriza o processo adolescente, respeitando o que é singular em cada história, mas, ao mesmo tempo, buscando elementos comuns que possam ser articulados.

Os textos analisados são fragmentos de histórias contadas pelos seus próprios agentes. Portanto, assim como na fala, a seqüência das idéias apresentadas pelo autor do texto segue uma lógica inconsciente que nos é reveladora, em sua essência.

Uma vez que a escolha do tema a ser seguido em cada narrativa autobiográfica foi livre, o curso das idéias do autor do texto foi um caminho para construirmos nossa análise. Esta está, então, calcada na leitura do que está implícito na fala do sujeito, na associação de idéias que se apresenta e no que cada um elegeu como o importante acerca de sua própria história. Assim, ao final de cada

autobiografia, levantamos algumas hipóteses interpretativas, alguns sentidos possíveis, que vêm revelar aspectos importantes da crise identitária denunciada pelo processo adolescente, e que se torna perceptível no momento de escolha de uma profissão.

Dessa forma, a análise feita acerca do momento pelo qual passa o adolescente permitiu constatar, como primeiro ponto em destaque, a presença uniforme de referências à infância e aos pais, mesmo que não explicitamente. Em todos os recortes do texto que foram analisados, percebemos que o adolescente, com relação às figuras parentais, apresenta uma queixa: não se sente compreendido pelos pais.

Apesar de cada um deles escolher uma forma de responder a este sentimento, o que nos parece interessante para análise também, vê-se que o adolescente se amargura com o fato de não encontrar nos pais os modelos de outrora. O que confirma a crise inerente à adolescência, exposta na literatura que versa sobre o tema, como nos fala Melman (1988): enquanto na infância os pais funcionavam mais facilmente no registro do ideal¹³, na crise psíquica algo se desprende e faz com que o próprio olhar do adolescente fique em posição de ideal, e os pais caiam deste lugar.

Em sua escrita, é nítido que o adolescente procura mostrar constantemente a importância de seus posicionamentos, visando manter sua marca de diferenciação dos pais. Auglanier (1991) diz que é desta forma que o adolescente faz sua reivindicação, ardente ou silenciosa, de seu direito de cidadão completo.

Há um esforço explícito para não sofrer influências, embora o jovem encontre-se imerso num manancial de modelos identificatórios que se oferecem e, sobre os quais, deve formar sua identidade. O conflito se estabelece uma vez que, ao mesmo tempo em que apregoam independência afetiva, precisam do olhar do outro para reconhecerem-se.

Alguns autores da atualidade, como Hobsbawn (1995), afirmam exatamente isto: que ser jovem, atualmente, não está sendo visto como estágio de preparação para a vida adulta, mas como final de um desenvolvimento. Segundo esse autor, observa-se uma dominância do comportamento jovem, mesmo em gerações mais antigas; há uma inversão dos papéis das gerações – são os filhos que têm a ensinar

aos pais. Ariès (1981) chama o século XX de *século adolescente*, numa alusão ao fato de que pessoas cronologicamente adultas têm deixado a infância para trás, mas seguem adiando a maturidade. Concordamos com esses autores, e este aspecto surge, por exemplo na autobiografia de F., que tem nos pais amigos, pessoas de quem não diverge, mas que deixa implícito a falta de modelos identificatórios e a necessidade de idealizar sua adolescência.

Esse enaltecimento do funcionamento adolescente que testemunhamos, entretanto, não está impedindo o jovem de questionar os pais, ou a estrutura social vigente. Concordamos com Blos (1996), que afirma que a rebeldia e a oposição aparecem no adolescente como forma de afirmação do eu.

A análise de Hobsbawn e de Ariès, pensamos, leva em conta o processo que ocorre sob o ponto de vista social; nosso ângulo de interesse é intrapsíquico e, neste sentido, vemos que o conflito de gerações não só ainda persiste, como é necessário para que se escolha novos objetos de amor, como postula Freud (1908), novos caminhos de reconhecimento. Concordamos, neste ponto, com Meira (1997), quando afirma que a queda dos ideais parentais não é, isto sim, tão dura como antes, exatamente porque no social, “estes ideais encontram-se em questão” (p.157).

Nesse contexto, quando Fischer (1996) afirma que a rebeldia, a contestação, o enfrentamento da ordem estabelecida não cabem mais na caracterização dos grupos de jovens dos anos 90, só podemos concordar se olharmos sob o ponto de vista do comportamento, mas não sob ponto de vista do conflito psíquico. O jovem, hoje, manifesta sua angústia, e os seis adolescentes por nós analisados se assumem angustiados, através de outros caminhos, talvez menos ruidosos que os de antigamente, mas nem por isto inertes. Conte (1997) afirma que é na adolescência que os atos delinqüentes e toxicômanos se apresentam fortemente como uma via possível para alcançar o sucesso, o reconhecimento.

Existem várias formas de se enfrentar o sofrimento e o penoso “trabalho de construção” (Ruffino, 1997) que o adolescente tem de realizar. Vimos, em nossa investigação, que cada um dos autores das autobiografias encontra uma forma de se relacionar com sua história. E, uma vez que nosso objetivo é relacionar esse processo com a escolha de uma profissão, podemos concluir que o movimento de ruptura está ocorrendo em todos, o que os levou à procura da Orientação

¹³ Ideal que na psicanálise significa não castrado.

Profissional. Entretanto, as razões de suas dificuldades em escolher uma profissão repousam sobre impedimentos singulares.

Assim, dando prosseguimento a nossa análise, partindo do geral ao que é singular em cada caso, vimos que os adolescentes passam a falar de si mesmos, logo que se referem aos pais e se apercebem de suas falhas para com eles (os adolescentes). Assim, com exceção dos casos P. e T., que se encontram com pais dificuldade de se distanciar da infância, os adolescentes, logo após fazerem uma referência desgostosa relativa à infância ou aos pais, passam a falar de si e dos seus planos para o futuro, de casamento ou de sucesso, ou seja, falam sobre os caminhos que vêm percorrendo na busca de um espaço social.

Essa associação, que vai dos pais ao social, faz-nos pensar num movimento de busca de reconhecimento, que, falido no contexto familiar, passa a ser demandado ao exterior; o que confirma o que postula Rassial (1997b), quando utiliza a expressão *Nome do Pai* para designar uma operação lógica, onde o Outro está ancorado. Ou seja, há um momento em que o adolescente deve ir além da metáfora paterna para encontrar seu lugar no campo do Outro. Os adolescentes por nós investigados estão exatamente no processo de passagem do discurso do pai ao discurso social (Rassial 1997 a).

Não concordamos com Blos (1979/1996), entretanto, quando afirma que há uma regressão não-defensiva quando o adolescente entra em contato com as dependências da infância. Não parece haver regressão, mas sim uma tristeza passível de elaboração. Acreditamos, e nisso concordamos com o autor, de que este retorno às vivências infantis pode desembocar numa ampliação egóica (que preferimos dizer do eu), e, conseqüentemente, na procura de outros modelos identificatórios, de reconhecimentos fora do contexto familiar.

No caso de nossa investigação, acrescentaríamos a possibilidade do sujeito entrar em um processo depressivo, ou luto patológico, como uma reação à perda dos ideais parentais. Veja-se, por exemplo, o caso P., em que a entrada na adolescência significou mais perdas do que conquistas. Em termos de busca de reconhecimento fora do contexto familiar, temos que esta adolescente não se encontra segura para buscá-los fora da família. Isto posto, P., não fala de si, mas de suas tristezas. A profissão, o futuro, o casamento, ou seja, aquilo com que o adolescente está confrontado, não estão em questão para P.. A observação de Aulagnier (1991) de

que no deprimido, o passado aparece superinvestido, como um tempo de culpabilidade, de nostalgia, de duelo, de felicidade perdida se confirma neste caso.

No caso de F. e de D, entretanto, vimos que o luto pelos pais está em processo e, nas duas situações, a adolescência está acompanhada de angústia e de procura de referenciais. F., entretanto, não se projeta no futuro, numa tentativa de reter a passagem do tempo e evitar as mudanças que a saída da infância trazem; tanto que o pai é um personagem constante em sua história. Já D. está envolvida com seus projetos futuros, estando presa em seu medo de fracassar; seus pais estão desinvestidos e a necessidade de casar-se é, também, uma das possibilidades que busca como forma de sentir-se mulher. O olhar do Outro (retomando Rassial, 1980) surge através do reconhecimento em ser mulher, ser olhada por um homem.

Nossa análise evidenciou, inclusive, uma diferença importante entre o discurso masculino e feminino. Os adolescentes (aqui no sentido de masculino) calcam sua escrita na necessidade de reconhecimento em que o sucesso profissional, dinheiro ou intelectualidade lhes garantem a entrada no mundo adulto, fálico. Para as adolescentes, isto vem através de relacionamentos afetivos.

Quanto à forma de comunicar-se, percebe-se que as moças evidenciaram maior facilidade de exposição e a evidência de um discurso de lamentos. Fischer (1996) afirma, nesse sentido, que os diários são mais característicos nas meninas. Já os rapazes são concisos ao falarem de sentimentos; dedicam-se a mostrar o quanto são fortes e destemidos. Eles, inclusive, fazem questão de anunciar que se sentem livres de influências familiares ou sentimentos de tristeza, mas nossa análise revelou que há, aí, uso intenso da negação¹⁴.

O caso T. merece destaque, neste ponto, uma vez que a procura pelo reconhecimento dessa adolescente passa por demonstrações de força e coragem, tal qual surge no discurso dos rapazes. T. vive sua adolescência como uma continuidade da infância, onde há uma recusa à mudança de qualquer *status* em seu mundo relacional, sem se importar com as modificações de seu corpo, ou com o acesso a uma posição sexuada. A escolha de uma profissão, nesse caso, tem um caráter sintomático, ou seja, será a expressão de um conflito que teve sua inscrição na infância.

¹⁴ Processo pelo qual o indivíduo, embora formulando seus desejos ou sentimentos, continua a defender-se deles, negando que lhe pertençam. (Laplanche e Pontalis, 1971)

Arriscando uma conclusão sobre nossas análises acerca da relação dos adolescentes com os pais da infância, podemos dizer que os luto pelos pais da infância transcorre com maior tranquilidade quando o sujeito encontra-se melhor amparado subjetivamente, ou seja, quando os pais puderam funcionar, em outro tempo, como ideais imaginários. Isso se coloca a partir do fato de que os adolescentes que conseguem projetar-se no amanhã são justamente aqueles que não fazem referência aos pais detalhadamente.

Quando falam sobre si mesmos, testemunhamos que os adolescentes por nós analisados vivem o presente como uma etapa de liberdade e de descobrimentos, entretanto, também sentem o peso da responsabilidade aumentada e estão em constante busca de afirmação de sua identidade. A astrologia surge, principalmente nas adolescentes, como uma forma de definição que vem da exterioridade. Denuncia a necessidade infantil que apresentam de que um outro lhes diga como devem ser; a Orientação Vocacional também pode, neste contexto, desempenhar esta função.

A timidez é uma referência que surge em todos os recortes analisados e é, para estes adolescentes, um motivo de sofrimento. Teoricamente, esse é um sentimento que condiz com o trabalho de construção que este sujeito está fazendo de seu eu, na construção de uma identidade. Há a necessidade de elaborar fragmentos de antigas organizações desfeitas, para constituir novos modelos identificatórios e uma nova organização. Muitas vezes esse processo é acompanhado de isolamento ou de excesso de atividade (Blos, 1985). Veja-se que, em nossa investigação, a “agitação” vivida pelo adolescente surge como forma de lidar com os medos e as inseguranças (caso F., caso D., caso T.).

É possível pensar que a impulsividade que os jovens apresentam vem, também, do narcisismo que renasce com autonomia. A voz, de fato, como nos fala Rassial (1997), surge como representante de virilidade nos adolescentes (veja caso J.). E é o olhar de um outro que surge como preocupação para as adolescentes.

Apesar de recordarem a infância e o que viveram até com certa nostalgia, surge manifesto que estes adolescentes vivem o momento como de muita solidão. Esse sentimento decorre, pensamos, da perda das ilusões infantis, e encontra alívio temporário no convívio com um grupo ou com um amigo muito próximo. Estar entre os iguais funciona, dessa forma, como nova fonte de identificação, mas também, como amortecedor da angústia que o processo de amadurecimento traz em seu cerne.

Ao final desse processo espera-se que o adolescente possa, como colocam Corso & Corso (1997), “olhar para os pais com cara de quem, finalmente, compreende suas razões. São momentos em que os gritos dão lugar às lágrimas, que dão lugar às palavras, que dá lugar a este novo olhar”.

Considerações Finais

O processo pelo qual todo sujeito tem de passar para sua subjetivação inclui encontrar uma forma, singular, de unificar a variedade de referências que o constituem; é somente a partir de uma identidade, assim construída, que ele pode investir o social (o Outro).

À sociedade cabe, portanto, não esquecer que o adolescente está em processo de mutação, e, portanto, necessitando muito de ideais, mas, fundamentalmente, mostrar que desidealizar inclui suportar os limites impostos pela própria existência e isso não pode ser vivido sem padecimentos. A adolescência deve ser compreendida como um tempo em que não há garantias, havendo intensa procura pelo que seria o próprio lugar.

Importa dizer, nesse contexto, que aos pais cabe mostrar o universo de possibilidades que a vida adulta traz, inclusive com sua condição de imperfeição. Muitas vezes, entretanto, a própria inquietude e intolerância adolescente denuncia vazios que foram obturados pelo tempo. A adolescência, então, torna-se difícil porque exige, não só tolerância, mas abertura para que os pais e educadores coloquem sua identidade também em questão.

Como confirmamos em nosso estudo, a decepção que os adolescentes sentem, pela desestabilização das figuras ideais, traz consigo certa depressão, cujos efeitos vão impondo-se, como prova da diferença que os separa do que haviam sido até então. Vimos, porém, que esse processo também os lançam à necessidade de investimentos futuros.

Escolher uma profissão é uma forma de investir o futuro e, apesar do luto penoso, esse investimento está revestido de prazer na medida que o sujeito reserve para si esperanças de ser reconhecido enquanto potencial de realização.

A Orientação Vocacional, contexto em que se deu esta investigação, não pode se oferecer como saída para este sofrimento, e, penso, não deve ter como objetivo, único e exclusivamente, dar ao jovem o nome de um curso superior. Fica

claro que o que esse adolescente está buscando quando chega a um profissional para que este o auxilie a pensar seu futuro, o que ele procura é muito mais do que isto; ele está em busca dos próprios contornos, pela conquista de sua subjetivação. A psicanálise tem a contribuir muito com o que me parece ser a função da Orientação Vocacional: um espaço diagnóstico, onde o adolescente possa se defrontar com suas inquietudes e não tamponar a angústia inerente ao processo pelo qual passa. A escolha de uma profissão é apenas uma das conseqüências possíveis do processo.

Conforme esse estudo foi se formalizando, surgiram questionamentos de outra ordem, e que pensamos ser pertinentes acrescentar, pois se tornam novas questões de pesquisa. Entre os interrogantes está a forma como o processo de desidealização dos pais se dá em jovens e crianças que são lançadas às ruas em tenra idade. Desta realidade tão brasileira, surge a pergunta: há uma desidealização precoce dos pais em crianças sob as condições de vida acima expostas? E ainda: quando são jogados precocemente nas ruas ou no mercado de trabalho, como fica a questão da identidade? A subjetivação desse adolescente, que não pode escolher seu futuro segue o mesmo caminho aqui exposto?

Neste sentido, ficam claros os limites deste estudo, que se destina a uma minoria social, a quem é dada a possibilidade de escolher seu futuro. Portanto, esta investigação não pretende a generalização, o que, temos certeza, não afeta nossos objetivos. Temos, isto sim, consciência de que esse estudo pode ser ampliado e retomado em outra população.

A utilização de escritos autobiográficos como instrumento metodológico não é uma prática comum nas pesquisas que se utilizam estudos de caso, porém queremos ressaltar sua riqueza enquanto material de investigação da subjetividade e ressaltamos que sua exploração permitiu que respeitássemos o que surgiu de singular em cada história, apesar de confirmar que o processo pelo qual passam estes adolescentes tem similitudes.

Uma autobiografia, nos diz Aulagnier (1991), é um processo que se realiza durante toda vida, em que entra em cena um trabalho de construção e reconstrução de um passado vivido, com capítulos que se crê acabados, mas que estão prestes a sofrer modificações, constituindo-se novos parágrafos e fazendo desaparecer outros. Para que esse escrito tenha sentido, entretanto, é condição que o sujeito adquira e

garde certeza de ser o autor de sua história e que as modificações que ela sofra não ponham em perigo sua existência.

REFERÊNCIAS

- Aulagnier, P. (1991). Construir-(se) um passado. Revista da Association Psychoanalítica de Buenos Aires – Psicoanalysis, 13., 144-467.
- Ariès, P. (1981). História Social da criança e da família. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Birraux, A. (1996). Adolescente (Psicopatologia do). Em Kaufman, (compilador): Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Birren, J. E & Hedlun, B. (1992). Contributions of autobiography to Developmental Psychology. Em N. Eisenberg (Org) Contemporary Topics in Developmental Psychology. (pp 194-415)New York: John Wiley & Sons.
- Blos, P. (1985). Adolescência. Uma interpretação Psicanalítica. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Blos, P. (1996). Transição Adolescente. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bohoslavsky, R. (1979). Orientação Vocacional. A estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes.
- Caon, J. L. (1996). Psicanálise<>Metapsicologia. Em A. Slavutzky & C. L. S. Brito & E.L.A Sousa (Orgs). História, Clínica e Perspectiva nos cem anos de psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas
- Chemama, R (1995). Larousse. Dicionário de Psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chiantaretto, J. F. (1990). Pour une approche psychanalytique de l'a autobiographie. Prolegomenes. Psychanalyse a l'Universite,15 (60), 67-91.
- Chiantaretto, J. F. (1990). Fondation et auto(-)biographie après Freud. L'e exemple de Maud Mannoni. Psychanalyse a l'Universite, 18 (71), 77-86.
- Conte, M (1997). Ser herói já era: seja Famoso, seja Toxicômano, seja Marginal! Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência - entre o Passado e o Futuro, 249-257

- Corbal, J.H.E (1989; 1990). Sobre Vocaciones y Equivocaciones. Em J.H.Elizade & A.M.Rodriguez (Orgs) Orientação Vocacional. Espacio de Reflexion, Confrontacion y Creación (23-37). Montevideo: Roca Viva Editorial.
- Corso, M. & Corso D. (1997). Game Over? Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência - entre o passado e o futuro, 81-96
- D'Allonnes, C. R. (1989). O estudo de caso; da ilustração à convicção. Em C. R. D'Alonnes, (Orgs). La démarche Clinique en Sciences Humanies; documents, méthodes. Paris: Bordas.
- Dor, J (1989). Introdução à leitura de Lacan. O inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ducrot, O (1997). O Dizer e o Dito. Campinas: Pontes Editores.
- Ferrari, L (1990). La Vocacion: Interrogaciones desde el psicoanálisis. Em J.H.Elizade & A.M.Rodriguez (Orgs). Orientação Vocacional. Espacio de Reflexion, Confrontacion y Creación (39-47). Montevideo: Roca Viva Editorial.
- Ferreira. B. W. (1984). Adolescência. Teoria e pesquisa. Porto Alegre; Sulina.
- Fink, G & Markovisch, H & Reinkemeier, M & cols. (1996). Cerebral representation of the own past: neural network involved in autobiographical memory. Journal of neuroscience, 16 (13), 4274-4282.
- Fivush, R. (1995). Language, Narrative and Autobiography. Consciousness and Cognition an International Journal, 4 (1), 100-103.
- Fischer, R. B. (1996). Adolescência em discurso - mídia e produção de subjetividade discurso. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre.
- Freud, A. (1958; 1995). Adolescência. Adolescência - Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, (11). Porto Alegre, 1995, p.63-83
- Freud, S. (1987). Estudos sobre a Histeria. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1893).
- Freud, S. (1987). Projeto para uma Psicologia Científica. Em: Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1950 [1895]).
- Freud, S. (1987). A Interpretação dos Sonhos. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. IV. [1]). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1900).

- Freud, S. (1987). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1987). Delírios e Sonhos na “Gradiva” de Jensen. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1907 [1906]).
- Freud, S. (1987). Romances familiares. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1909 [1908]).
- Freud, S. (1987). O caso Schreber. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1911).
- Freud, S. (1987). A História do Movimento Psicanalítico. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XIV, p. 16-88). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1987). Sobre o narcisismo. Uma introdução. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XIV, p. 89-120). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1987). Artigos sobre metapsicologia. O inconsciente. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XIV, p. 191-239). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1987). Luto e Melancolia. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XIV, p. 275- 292). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1917 [1915]).
- Freud, S. (1987). Sobre a Transitoriedade. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XIV, p. 345-350). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1916 [1915]).
- Freud, S. (1987). Teoria geral das neuroses. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XIV, p. 289-552). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1916 [1917]).
- Freud, S. (1980). Psicologia de Grupo e Análise do E. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XIV, p. 137- 168). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (1987). O ego e o id. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XIX, p. 23-90). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (1975). El yo y el ello. Em Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XIX). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (originalmente publicado em 1923).

- Freud, S. (1987). A dissolução do Complexo de Édipo. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XIX, p. 217-228). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (1987). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XIX, p. 309-320). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1925).
- Freud, S. (1987). Um estudo autobiográfico. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XX, p.17-88). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1925 [1927]).
- Freud, S. (1987). Esboço de Psicanálise. Em Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. XXIII, p. 168-223). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Originalmente publicado em 1940 [1938]).
- Hobsbawn, E. (1995). A era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras.
- Kaufman, P. (1996). Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Kristeva, J & Rudelic-Fernandez, D (1996). Psicanálise e Linguística. Em Kaufman. P. (compilador): Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1991). Vocabulário de Psicanálise: sob a orientação de Daniel Lagache. São Paulo: Martins Fontes.
- Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelada na experiência analítica. Escritos (96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1949).
- Lindsley, D. (1995). Life and reflexions of psychologist-psycho physiologist from a personal and historical perspective. Journal of Psycholophysiology, 20 (2), 83-141.
- Meira, A. M. G. (1998). Jogos da Adolescência II. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência - entre o passado e o futuro, 153-157.
- Melman, C (1987). Haveria uma questão particular do pai na adolescência? Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - Adolescência, 11, 7-24.
- Melman, C (1988). Os adolescentes estão sempre confrontados ao minotauro. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência - entre o passado e o futuro, 29-43
- Moraitis, G. (1981). The psychoanalytic study of the editing process: its application to the interpretation of historical document. Annual of Psychoanalysis, 9, 237-263

- Orlandi, E. P. (1988). A incompletude do sujeito. E quando o outro somos nós? Cadernos EDUC-PUC - Sujeito e Texto, 31, p. 9-17.
- Penot, B. (1995). A importância da noção de adolescência para uma concepção psicanalítica do sujeito. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - Adolescência, 11, 31-40.
- Pommier, G. (1992). A neurose infantil da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rassial, J. J. (1980). Hipóteses sobre a adolescência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - Adolescência, 11, 25-30.
- Rassial, J. J. (1995). Entrevista com Jean-Jacques Rassial. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - Adolescência, 11, 87-100.
- Rassial, J. J. (1997 a). A passagem adolescente. Porto Alegre; Artes e Ofícios.
- Rassial, J. J. (1997 b). A adolescência como conceito da teoria psicanalítica. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência - entre o passado e o futuro, 45-72.
- Rodulfo, R. (1997). A multiplicação e a multiplicidade de paradoxos na adolescência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência - entre o passado e o futuro, 75-80.
- Rockwell, R & Thibaudier, V. (1993). Reponse a Winnicott. Cahiers Yungiens Psychanalyse, 78, 93-96.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ruffino, R (1993). Adolescência: notas em torno de um impasse. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - Adolescência, 11, 41-47.
- Ruffino, R (1997). Fazendo valer - modalidade contemporânea. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência - entre o passado e o futuro, 213-231.
- Settineri, F. S. (1997). Estudo da Enunciação do adolescente, no momento de sua escolha profissional. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Siegel, P. F. (1996). The meaning of behaviorism for B. F. Skinner. Psychoanalytic-Psychology, 13, 343-395.
- Silva, J. C (1996). Sintomas psicossomáticos na adolescência: uma análise a partir da história familiar. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Sousa, E. L. A. (1997). Os Eus nos textos: escritos de adolescentes. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência - entre o passado e o futuro, 203-212.
- Stake, R. E. (1994). Estudos de casos. Em N. Denzin & Y. Lincoln (Org). Handbook of Qualitative Research (mimeo). Londres: Sage.
- Suldrack, M.A. P (1997). Escrevendo o adolescer. . Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência - entre o passado e o futuro, 191-202.
- Vieira, B. S. de (1990). O processo de individuação do adolescente borderline em relação a família de origem: uma proposta metodológica. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Yin, R. K. (1993). Applications of case study research. Londres, Sage.